

EXISTEM EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS PARA A RESSURREIÇÃO DE JESUS?

UM DEBATE ENTRE WILLIAM LANE CRAIG E BART D. EHRMAN

VISITE APOLOGIA – A RAZÃO EM DEFESA DA FÉ

<WWW.APOLOGIA.COM.BR>

TRADUZIDO POR ELIEL VIEIRA

< WWW.ELIELVIEIRA.ORG/>

Conteúdo

Introdução	3
Observações do Moderador	3
Dr. Craig – Discurso de Abertura.....	6
Dr. Ehrman – Discurso de Abertura	12
Dr. Craig – Primeira Refutação	18
Dr Ehrman – Primeira Refutação	24
Dr. Craig – Segunda Refutação	28
Dr. Ehrman – Segunda Refutação	31
Dr. Craig – Conclusão	34
Dr. Ehrman – Conclusão	36
Sessão de Perguntas e Respostas.....	38

Introdução

Estudantes, faculdade, equipe, e visitantes, estou feliz em dar as boas vindas a vocês aqui no *Hogan Campus Center* do *College of the Holy Cross*. Meu nome é Charles Anderton e eu sou professor de economia aqui no *Holy Cross*. Junto aos patrocinadores deste evento – o *Center for Religion, Ethics and Culture* e o *Campus Christian Fellowship* – eu calorosamente dou as boas vindas a todos vocês para o debate desta noite. A questão diante de nós hoje é de grande interesse para cristãos e para muitos não-cristãos: existem evidências históricas para a ressurreição de Jesus? Sustentando a resposta afirmativa teremos o Dr. William Lane Craig, pesquisador e professor de Filosofia no *Talbot School of Theology* em La Mirada, Califórnia. Sustentando a resposta negativa teremos Dr. Bart Ehrman, notável professor e titular do departamento de Estudos da Religião na Universidade da Carolina do Norte.

Durante o debate, eu peço a vocês que respeitosamente considerem os pontos de vista dos debatedores. Por favor, evitem qualquer aplauso, comentário, ou manifestação de crítica ou apoio. Teremos uma sessão de “perguntas e respostas” em um momento específico do debate e então vocês terão então uma oportunidade de interagir com os debatedores. Por favor, saibam que o debate e a sessão “perguntas e respostas” serão filmados e gravados, portanto, peço também que desliguem seus celulares.

O moderador do debate de hoje a noite será Dr. William Shea, Diretor do *Center for Religion, Ethics and Culture* aqui do *Holy Cross*. Dr. Shea recebeu seu Ph.D. em 1973 na Columbia University School of Philosophy. Ele estudou na Catholic University of America, University of South Florida e na Saint Louis University. Ele também atuou como presidente do *College Theology Society*. Dr. Shea já publicou mais de 50 ensaios e artigos em jornais escolares e já escreveu e editou um bom número de livros como “*Naturalism and the Supernatural*”, “*The Struggle Over the Past: Religious Fundamentalism in the Modern World*”, “*Knowledge and Belief in America: Enlightenment Traditions and Modern Religious Thought*”, “*Trying Times: Essays on Catholic Higher in the 20th Century*” e mais recentemente seu livro “*Lion and the Lamb: Evangelicals and Catholics in America*”. Por favor, Dr. William Shea, seja bem vindo.

Observações do Moderador

Boa Noite. O debate é uma antiga forma de discussão que combina elementos de informação, educação, esperança de convencimento alheio e entretenimento. Os filósofos gregos, os “sofistas”, eram excelentes nos debates, e os diálogos platônicos e as dialéticas aristotélicas eram formas literárias refinadas de debate. Os cristãos incorporaram a forma literária de debate e debateram sobre um grande número de questões teológicas e filosóficas. As universidades medievais eram lotadas com estudantes e professores que queriam debater. Alguns cristãos medievais pensavam que se eles simplesmente pudessem discursar bem para a comunidade judaica em um debate, as massas de judeus então se converteriam para o Evangelho cristão. Em um famoso debate no século XIII, um frade dominicano desafiou um notável rabino para um debate se Jesus era ou não o Messias. O rabino hesitou em aceitar debater, sabendo que se ele vencesse o debate

apresentando boas razões do por que Jesus NÃO era o Messias, ele e seus companheiros judeus sairiam perdendo de qualquer forma, e foi exatamente isto o que ocorreu: o rabino venceu o debate, o frade perdeu, e então os cristãos queimaram as casas e os negócios dos judeus. Eu espero que após o debate de hoje a noite nenhum de vocês queime o *Talbot Divinity School* ou a *University of North Carolina*.

Meu debate favorito aconteceu em Cincinnati, em 1834, quando Alexander Campbell, o fundador da denominação protestante “The Disciples of Christ” [*Os Discípulos de Cristo*] debateu com o bispo católico de Cincinnati, John Purcell, sobre a questão se a Igreja católica era o anti-Cristo e a Besta vinda do mar. O debate durou seis dias – seis horas em cada dia – e foi impresso em um volume de 500 páginas. Ambos os debatedores viveram por muitos anos após o debate e nenhum deles jamais cessou de falar sobre a questão. Você está a salvo hoje à noite. Eu mesmo tenho que me apressar, porque estamos aqui seguindo a risca a alguns parâmetros. E eles são:

- Professor Victor Mathson irá marcar o tempo de cada debatedor.
- Cada debatedor terá 20 minutos para seu discurso de abertura.
- Cada debatedor terá 12 minutos para a primeira réplica.
- Cada debatedor terá 8 minutos para a segunda réplica.
- Cada debatedor terá 5 minutos para suas conclusões.
- Então vocês poderão aplaudi-los – não antes.
- Vocês poderão fazer perguntas para cada debatedor, durante um período de 30 minutos.
- Vocês poderão aplaudi-los novamente.
- Dr. Anderson fará um discurso final.
- Aplaudiremos novamente, e então iremos para nossas casas em paz, sem queimar nada durante o percurso.

Os dois debatedores não conhecem um ao outro exceto pelo nome e pela reputação. Eles não fizeram nenhum treinamento um com o outro. Este é um debate sério; não um encontro da *World Wrestling Federation*. Eles estão debatendo uma questão séria, a saber, que tipo de literatura se trata os livros que compõem o Novo Testamento e quais são suas utilidades. Ambos são estudiosos, escritores e oradores consagrados.

William Lane Craig tem um doutorado em Filosofia pela *University of Birmingham* e um doutorado em Teologia pela *University of Munich*. Ele também estudou na *Catholic University of Louvain* por sete anos. Craig tem atuado como professor pesquisador de Filosofia no *Talbot School of Theology* pelos últimos dez anos, também já escreveu e editou mais de trinta livros, incluindo um intitulado “*Assessing the NT Evidence of the Historicity of the Resurrection of Jesus*” [*Avaliando as Evidências do Novo Testamento para a Historicidade da Ressurreição de Jesus*], e dois volumes de debates anteriores, um com Gerd Lüdemann da *Göttingen University*, na Alemanha, e outro com John Dominic Crossan do *DePaul University*.

Barth Ehrman é um importante professor de estudos religiosos na *University of North Carolina*. Ele recebeu seu doutorado no *Princeton Theological Seminary* em 1985 e está na *North Carolina* desde 1988. Ele já escreveu 19 livros. Entre meus favoritos estão suas introduções para o Novo Testamento e literatura cristã primitiva e seu recente livro sobre *O Código Da Vinci*.

Dr. Craig fará o primeiro discurso de abertura, seguido por Dr. Ehrman.

Dr. Craig – Discurso de Abertura

Boa noite! Eu gostaria de expressar o quão grato eu estou pelo convite para participar do debate de hoje à noite. Eu tenho estado muito ansioso para discutir as questões desta noite com o Dr. Ehrman.

Enquanto me preparava para este debate eu tive uma surpresa. Fiquei espantado em descobrir como nossas histórias de vida são parecidas: uma vez pequenos adolescentes rebeldes com alguma familiaridade em relação ao cristianismo, as vidas de ambos foram transformadas por volta dos 15 ou 16 anos ao experimentarmos um renascimento espiritual através da fé pessoal em Jesus Cristo. Ansiosos por servi-lo, ambos freqüentamos o mesmo colégio em Illinois, *Wheaton College*, onde também estudamos grego com mesmo professor. Após a graduação, ambos fomos atrás de nossos diplomas de doutorado.

Todavia, nossos caminhos se divergiram radicalmente. Eu recebi uma oportunidade do governo alemão para estudar a ressurreição de Jesus sobre direção de Wolfhart Pannenberg e Ferdinand Hahn na *University of Munich* e na *Cambridge University*. Como resultado dos meus estudos, fiquei mais convencido da credibilidade histórica deste evento. Claro, desde minha conversão, eu já acreditava na ressurreição de Jesus com base em minha experiência pessoal, e eu ainda penso que esta abordagem experimental sobre a ressurreição é uma maneira perfeitamente válida para saber que Cristo ressuscitou. Esta é a maneira pela qual a maioria dos cristãos atualmente sabe que Jesus está vivo. Mas, como resultado de meus estudos, eu percebi que uma extraordinária argumentação pode ser proposta para a ressurreição de Jesus de forma histórica também, e eu espero mostrar hoje à noite que a ressurreição de Jesus é a melhor explicação para certos fatos estabelecidos sobre Jesus.

Infelizmente, Dr. Ehrman chegou a conclusões radicalmente diferentes a partir de seus estudos. Em seus livros mais recentes, ele dolorosamente descreve como ele veio a perder sua fé adolescente. Não estou certo, baseado nos escritos do Dr. Ehrman, se ele ainda acredita na ressurreição de Jesus ou não. Ele nunca negou isto. Entretanto ele negou que possam existir evidências históricas para a ressurreição de Jesus. Ele sustenta que *não podem* existir evidências históricas para a ressurreição de Jesus. Agora, esta é uma afirmação muito ousada, e então, naturalmente, eu fiquei interessado em ver qual argumento que ele ofereceria para justificá-lo. Fiquei impressionado em descobrir que o argumento filosófico que ele proveu para sua afirmação é um velho argumento contra a identificação de milagres que eu estudei durante minha pesquisa de doutorado e que é considerado pela maioria dos filósofos atualmente como claramente falacioso. Então, para não passar com o carro na frente dos bois, esperarei até que ele apresente seu argumento antes de mostrar onde esta falácia mente.

Por agora, eu quero esboçar brevemente como o argumento histórico para a ressurreição de Jesus se apresenta. Ao construir uma argumentação para a ressurreição de Jesus, é importante fazer uma distinção entre *evidência* e a melhor *explicação* para a evidência. Esta distinção é importante, pois na argumentação em questão a evidência é relativamente não-controversa. Como veremos, a evidência é aceita pela maioria dos estudiosos. Por outro lado, a explicação para a evidência é controversa. Que a ressurreição

é a melhor explicação para a evidência é uma questão controversa. Embora Dr. Ehrman diga que não possa existir qualquer evidência histórica para a ressurreição, veremos que o que ele realmente quer dizer com suas palavras é que a ressurreição não pode ser a melhor explicação para a evidência, não que não exista evidência.

Prossigo, então, para meu primeiro ponto, a saber:

(I) Existem quatro fatos históricos que precisam ser explicados por alguma hipótese histórica adequada:

- O sepultamento de Jesus.
- A descoberta de seu túmulo vazio.
- Suas aparições *post-mortem*.
- A origem da crença dos discípulos em sua ressurreição.

Agora, vamos analisar este primeiro ponto mais de perto. Eu quero compartilhar quatro fatos que são largamente aceitos pelos historiadores atualmente.

Fato #1: Após sua crucificação Jesus foi sepultado por José de Arimatéia em uma tumba. Os historiadores sustentam este fato baseando-se em evidências como:

1. O sepultamento de Jesus é atestado multiplamente por fontes primitivas independentes – Nós temos quatro biografias de Jesus, por Mateus, Marcos, Lucas e João, que formam o Novo Testamento juntamente com várias cartas do apóstolo Paulo. O relato do sepultamento é uma parte do relato de Marcos sobre a história do sofrimento e morte de Jesus. Trata-se de uma fonte muito próxima aos acontecimentos que provavelmente é baseada no testemunho de um observador dos eventos e que, sobre a qual, o comentarista Rudolf Pesch data para algum momento entre sete anos após a crucificação. Além disso, Paulo cita uma fonte extremamente antiga para o sepultamento de Jesus que a maioria dos estudiosos data para algum momento entre cinco anos após a crucificação de Jesus. Testemunhos independentes sobre o sepultamento de Jesus por José de Arimatéia são também fundamentados nas fontes por trás de Mateus e Lucas e o evangelho de João, para não citar o evangelho apócrifo de Pedro. Assim, nós temos pelo menos cinco notáveis fontes independentes sobre o sepultamento de Jesus, algumas extremamente próximas ao evento da crucificação.

2. Como um membro do Sinédrio Judaico que condenou Jesus, José de Arimatéia provavelmente não é uma invenção cristã – Existia uma hostilidade compreensível no início na igreja em relação aos líderes judeus. Aos olhos dos cristãos, eles planejaram a condenação judicial de Jesus. Assim, de acordo com o estudioso do Novo Testamento Raymond Brown, o sepultamento de Jesus por José é “muito provável”, uma vez que é “quase inexplicável” porque os cristãos inventariam uma história sobre um membro do Sinédrio Judaico que fez um bem a Jesus¹.

¹ Raymond E. Brown. *The Death of Messiah*, 2 vols. (Garden City, N.Y.: Doubleday, 1994), 2: 1240-1.

Por estas e outras razões, a maioria dos críticos do Novo Testamento concordam que Jesus foi sepultado por José de Arimatéia em uma tumba. De acordo com John A. T. Robinson da *Cambridge University*, o sepultamento de Jesus em sua tumba é “um dos mais antigos e melhor-atestados fatos sobre Jesus”².

Fato #2: No domingo após a crucificação, a tumba de Jesus foi encontrada vazia por um grupo de seguidoras de Jesus. Entre as razões que levaram a maioria dos estudiosos a esta conclusão estão:

1. *A tumba vazia também é atestada multiplamente por fontes antigas independentes* – A fonte de Marcos não terminou com o sepultamento, mas com a história da tumba vazia, que está ligada à história do sepultamento verbal e gramaticalmente. Além disso, Mateus e João contêm fontes independentes sobre a tumba vazia; esta história também é mencionada nos sermões nos Atos dos Apóstolos (2.29; 13.36); e esta é implícita por Paulo em sua primeira carta à igreja de Corinto (I Co. 15.4). Assim, novamente nós temos múltiplas fontes antigas atestando o fato da tumba vazia.

2. *A tumba foi descoberta vazia por mulheres* – Na sociedade judaica patriarcal o testemunho de mulheres não possuía consideração. De fato, o historiador judeu Josefo disse que não era permitido às mulheres servirem como testemunhas em um tribunal judaico. À luz deste fato, quão extraordinário é o fato de terem sido mulheres quem descobriram a tumba vazia de Jesus. Qualquer invenção posterior certamente colocaria discípulos homens como Pedro e João como descobridores da tumba vazia. O fato de terem sido mulheres, mais do que homens, que descobriram a tumba vazia, é melhor explicado pelo fato de que elas eram as principais testemunhas para o fato da tumba vazia, e os escritores dos evangelhos sinceramente relataram isto, para eles, a descoberta da tumba pelas mulheres foi um fato incomodo e embaraçoso.

Eu poderia continuar, mas eu acho que foi dito o suficiente para indicar porque, nas palavras de Jacob Kremer, um especialista austríaco sobre a ressurreição, “a confiabilidade das narrativas bíblicas em relação à tumba vazia é sustentada firmemente pela grande maioria dos exegetas”³.

Fato #3: Em diferentes ocasiões e sobre várias circunstâncias diferentes indivíduos e grupos de pessoas experimentaram aparências de Jesus ressuscitado da morte. Este é um fato que é virtualmente reconhecido universalmente pelos estudiosos, pelas seguintes razões:

1. *A lista de Paulo das testemunhas oculares das aparições do Jesus ressurreto garante que tais aparições ocorreram* – Paulo nos diz que Jesus apareceu para seu principal discípulo Pedro, então para o grupo dos apóstolos conhecido como “os doze”; então depois ele apareceu para um grupo de 500 discípulos de uma só vez, então para seu irmão mais novo Tiago, que até então era aparentemente um descrente, então para os discípulos. Finalmente, Paulo acrescenta, “ele apareceu também a mim”, quando Paulo era

² John A. T. Robinson, *The Human Face of God* (Philadelphia: Westminster, 1973), p. 131.

³ Jacob Kremer, *Die Osterevangelien – Geschichten um Geschichte* (Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1997), pp. 49-50.

ainda um perseguidor de cristãos (I Co 15.5-8). Dado o momento no qual Paulo escreveu tais informações, bem como sua familiaridade com as pessoas envolvidas, estas aparições não podem ser desconsideradas como simples lendas.

2. *Os relatos das aparições nos evangelhos provêm múltiplas e independentes atestações das aparições* – Por exemplo, a aparição a Pedro é atestada por Lucas e Paulo; a aparição aos “doze” é atestada por Lucas, João e Paulo; e a aparição para as mulheres é atestada por Mateus e João. As narrativas das aparições alcançam tantas fontes independentes que não se pode racionalmente negar que os primeiros discípulos tiveram tais experiências. Assim, até mesmo o crítico cético do Novo Testamento Gerd Lüdemann conclui, “Pode ser tomado como historicamente certo que Pedro e os discípulos tiveram experiências após a morte de Jesus nas quais Jesus apareceu a eles como Cristo ressurreto”⁴.

Finalmente,

Fato #4: Os discípulos de repente e sinceramente começaram a acreditar que Jesus havia ressuscitado dos mortos não obstante suas muitas predisposições para o contrário. Pense na situação que os discípulos encararam após a crucificação de Jesus:

1. *Seu líder estava morto* – E as expectativas judaicas messiânicas não continham a idéia de um Messias que, ao invés de triunfar sobre os inimigos de Israel, seria vergonhosamente executado pelos seus inimigos como um criminoso.

2. Crenças judaicas sobre o além-vida excluía a possibilidade de qualquer pessoa ressuscitando da morte para a glória e imortalidade antes da ressurreição geral da morte no fim do mundo – Todavia, os discípulos repentinamente começaram a crer tão fortemente que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos que eles se dispuseram a morrer pela verdade desta crença. Mas então surge a questão óbvia: O que no mundo fez-los acreditar em algo tão antijudeu e estranho? Luke Johnson, um estudioso do Novo Testamento na Emory University, comenta, “Alguma espécie de experiência poderosa e transformativa é necessária para gerar o tipo de movimento como o do cristianismo primitivo”⁵. E também N. T. Wright, um eminente estudioso britânico, conclui, “Esta é a razão porque, como um historiador, eu não consigo explicar o surgimento do cristianismo primitivo a não ser por Jesus ressuscitando, deixando uma tumba vazia para trás”⁶.

Em resumo, existem quatro fatos que são reconhecidos pela maioria dos estudiosos: o sepultamento de Jesus, a descoberta do túmulo vazio, suas aparições *post-mortem*, e a origem da crença dos discípulos em sua ressurreição.

⁴ Gerd Lüdemann, *What Really Happened to Jesus?*, trans. John Bowden (Louisville, Kent.: Westminster John Knox Press, 1995), p. 8.

⁵ Luke Timothy Johnson, *The Real Jesus* (San Francisco: Harper San Francisco, 1996), p. 136.

⁶ N. T. Wright, “The New Unimproved Jesus”, *Christianity Today* (September 13, 1993), p. 26.

Agora, em uma publicação mais antiga, Dr. Ehrman expressou ceticismo sobre estes fatos. Ele insistiu que não podemos afirmar esses fatos⁷. Por que não? Bem, ele apresentou duas razões:

Primeiro, ele diz, historiadores não dizem que um milagre provavelmente ocorreu. Mas aqui ele estava obviamente confundindo a evidência para a ressurreição com a melhor explicação para a evidência. A ressurreição de Jesus é uma explicação miraculosa para a evidência existente. Mas a evidência em si não é milagrosa. Nenhum destes quatro fatos é de alguma forma sobrenatural ou inacessível para um historiador. Para prover uma analogia, você sabia que após o assassinato de Abraham Lincoln, houve uma conspiração para roubar seu corpo enquanto este estava sendo transportado por trem de volta a Illinois? Agora, os historiadores obviamente vão querer saber se esta conspiração falhou ou não. O corpo de Abraham Lincoln sumiu do trem? O corpo foi enterrado com sucesso em uma tumba em Springfield? Seus assessores próximos, como o Secretário de Guerra Stanton ou o Vice-Presidente Johnson, afirmaram ter visto aparições de Lincoln após sua morte? Estas são questões que qualquer historiador pode investigar. E o mesmo ocorre em relação aos quatro fatos sobre Jesus.

Mas Professor Ehrman tinha uma segunda razão que justificasse seu pensamento de que historiadores não podem afirmar estes fatos: os relatos dos Evangelhos destes eventos são irremediavelmente contraditórios. Mas o problema com esta linha de argumentação é que ela assume três coisas: (i) que as inconsistências são insolúveis em vez de meramente aparentes; (ii) que as inconsistências estão na parte mais importante da narrativa ao invés de estarem em detalhes secundários e periféricos; e (iii) que todas as narrativas possuem a mesma confiabilidade histórica, desde que a presença de inconsistências numa fonte posterior e menos confiável não diminui em nada a credibilidade de uma fonte anterior e mais fidedigna. Na verdade, quando você olha para as supostas inconsistências, o que você descobre é que a maioria delas – como nomes e número de mulheres que visitaram a tumba – são simplesmente aparentes inconsistências, não inconsistências reais. Além do mais, as alegadas inconsistências encontram-se em detalhes secundários e circunstanciais da história e não têm absolutamente nenhum efeito sobre os quatro fatos que eu citei.

Assim, a maioria dos historiadores não foi dissuadida por este tipo de objeção. E, na verdade, o Dr. Ehrman repensou sua posição nestas questões. Não obstante as inconsistências em detalhes, ele agora reconhece que nós temos “sólidas tradições”, não apenas para o sepultamento de Jesus, mas também para a descoberta da tumba vazia pelas mulheres e, portanto, ele diz, nós podemos concluir com “certa certeza” que Jesus foi de fato sepultado por José de Arimatéia em uma tumba e que três dias depois a tumba foi encontrada vazia⁸.

Quando eu descobri que Professor Ehrman mudou de opinião em relação a esta questão, minha admiração por sua honestidade cresceu. Pouquíssimos estudiosos,

⁷ Bart Ehrman, “The Historical Jesus”, (The Teaching Company, 2000), Part II, p. 50.

⁸ Bart Ehrman, “From Jesus to Constantine: A History of Early Christianity”, Lecture 4: “Oral and Written Traditions about Jesus” (The Teaching Company, 2003).

uma vez que já se declararam em relação a um assunto, possuem coragem para repensar sobre este assunto e admitir que estavam enganados. A mudança do Dr. Ehrman em sua opinião sobre estas questões é testemunha, não apenas para a força da evidência acerca destes quatro fatos, mas também para sua determinação de seguir a evidência não importa aonde ela o conduza. O que isto significa é que meu primeiro ponto não é uma questão de discordância no debate desta noite. O debate vai se concentrar em relação à resposta de Dr. Ehrman para meu segundo ponto, a saber:

(II) A melhor explicação para estes fatos é que Jesus ressuscitou dentre os mortos.

Esta, obviamente, foi a explicação que as testemunhas oculares deram aos acontecimentos, e eu não consigo pensar em uma explicação melhor. A hipótese da ressurreição passa por todos os critérios para ser uma melhor explicação, como poder explanatório, escopo explicativo, plausibilidade, e os demais critérios. Claro, através da história várias explicações naturalistas alternativas para a ressurreição têm sido propostas, como a hipótese de Conspiração, a hipótese da Aparente Morte, a hipótese de Alucinação, etc. No julgamento dos estudiosos contemporâneos, entretanto, nenhuma destas hipóteses naturalistas proveu uma explicação para os fatos. Nem mesmo o Dr. Ehrman sustenta alguma destas explicações naturalistas para os fatos.

Então, podemos perguntar, por que Dr. Ehrman não aceita a ressurreição como a melhor explicação? A resposta é simples: a ressurreição é um milagre, e Dr. Ehrman recusa a possibilidade de se estabelecer um milagre. Ele escreve, “Uma vez que historiadores podem estabelecer apenas o que provavelmente aconteceu, e um milagre desta natureza ser um evento altamente improvável, o historiador não pode dizer que a ressurreição ocorreu”⁹. Este argumento contra a identificação de um milagre é velho, já refutado no século XVIII por alguns eminentes estudiosos como William Paley e George Campbell, e é rejeitado como falacioso por muitos filósofos contemporâneos igualmente. Prometo dizer mais sobre isto depois; mas, por agora, permitam-me dizer que na ausência de alguma explicação naturalista para os fatos, a hesitação do Dr. Ehrman em abraçar a ressurreição de Jesus como a melhor explicação é desnecessária. Dr. Ehrman estaria completamente dentro de seus direitos racionais se ele abraçasse uma explicação miraculosa como a ressurreição – como nós também estaríamos.

Concluindo, então, eu penso que existem boas evidências históricas para a ressurreição de Jesus. Especificamente, eu expus dois pontos para a discussão desta noite:

(I) Existem quatro fatos históricos que precisam ser explicados por alguma hipótese histórica adequada: o sepultamento de Jesus, a descoberta de seu túmulo vazio, suas aparições post-mortem, e a origem da crença dos discípulos em sua ressurreição; e

(II) A melhor explicação para estes fatos é que Jesus ressuscitou dentre os mortos.

⁹ Ehrman, “Historical Jesus”, Part II, p. 50.

Dr. Ehrman – Discurso de Abertura

Eu gostaria de agradecer ao Bill por este impressionante discurso de abertura. Tenho ouvido por estes anos que Bill é um talentoso debatedor e orador, e agora eu vejo porque os evangélicos pelos quais ele fala são tão orgulhosos de suas habilidades.

Em meu discurso de abertura aqui eu não vou lidar com todos os muitos e muitos pontos que Bill levantou. Eu vou, do contrário, explicar meu próprio argumento que, a propósito, não se trata exatamente do argumento que ele disse que eu faria, apesar de que existem alguns pontos em comum. Eu vou expor meu argumento e em meu próximo discurso eu vou mostrar porque, em minha opinião, a posição de Bill é tão problemática.

Eu quero dizer no início alguma coisa parecida com o que ele disse no começo de seu discurso. Eu acreditava absolutamente em tudo o que Bill apresentou aqui. Ele e eu freqüentamos a mesma escola cristã evangélica, *Wheaton*, onde estas questões são ensinadas. Antes disso eu freqüentei uma escola ainda mais conservadora, o *Moody Bible Institute*, onde “Bíblia” é nosso nome do meio. Lá aprendemos estas coisas ainda mais avidamente. Eu acreditava nelas com todo meu coração e alma. Preguei sobre estas conclusões e tentei convencer outras pessoas que elas eram verdadeiras. Mas então eu comecei a estudar estas questões, não apenas aceitando o que meus professores diziam, mas olhando profundamente para elas. Eu aprendi grego e comecei a estudar o Novo Testamento em sua língua original, aprendi hebraico para ler o Antigo Testamento, também aprendi latim, sírio, e cóptica para poder estudar os manuscritos e as tradições não-canônicas de Jesus em suas línguas originais. Eu mergulhei no mundo do primeiro século, lendo judeus não-cristãos, textos pagãos anteriores e contemporâneos ao Império Romano, e tentei analisar tudo o que foi escrito por um cristão durante os primeiros três séculos da Igreja. Me tornei um estudioso sobre tempos antigos, e por vinte e cinco anos eu tenho pesquisado nesta área, noite e dia. Eu não sou um filósofo como Bill; eu sou um historiador dedicado a encontrar a verdade histórica. Após anos de estudo, eu finalmente cheguei à conclusão de que tudo no qual eu pensava anteriormente sobre a evidência histórica para a ressurreição estava absolutamente errado.

Vou começar explicando em termos simples o que os historiadores fazem. Historiadores tentam estabelecer com suas capacidades o que provavelmente aconteceu no passado. Nós não podemos saber realmente o que aconteceu no passado porque o passado já passou. Nós achamos que sabemos o que aconteceu em alguns acontecimentos do passado porque temos algumas boas evidências para o que aconteceu, mas em outros casos nós não sabemos, e em alguns casos nós apenas podemos jogar as mãos para o alto, nos entregar e desistir.

É relativamente certo que Bill Clinton venceu a eleição presidencial americana em 1996. Poderá ser de alguma forma menos claro quem venceu a eleição seguinte. É perfeitamente claro que Shakespeare escreveu seus sonetos, mas existe um considerável debate sobre isto. Por que? Isto foi a centenas de anos atrás, e estudiosos surgem com opiniões alternativas. É provável que César atravessou o rio Rubicão, mas nós não temos muitas testemunhas oculares deste fato. Historiadores tentam estabelecer níveis de probabilidade sobre o que aconteceu no passado. Algumas coisas são absolutamente

certas, algumas prováveis, outras possíveis, algumas são “talvez”, algumas não são prováveis.

Que tipo de evidências os estudiosos procuram quando tentam estabelecer probabilidades sobre o passado? Bem, o melhor tipo de evidência, claro, consiste de relatos contemporâneos aos eventos; pessoas que viveram próximas ao tempo dos acontecimentos dos eventos. Em última análise, se você não tem uma fonte que se encontra próxima ao tempo de ocorrência dos eventos, então você não tem uma fonte fidedigna. Existem apenas dois tipos de fontes de informações para eventos passados: ou relatos baseados em testemunhas oculares, ou relatos que foram inventados. Estes são os únicos tipos de relatos que você tem do passado – ou coisas que aconteceram ou coisas que foram inventadas. Para determinar que relatos correspondem de fato com o que aconteceu, você necessita de narrativas contemporâneas aos acontecimentos, fontes que estão próximas ao tempo de ocorrência dos eventos, e ajuda se você tiver muitos destes relatos. Quanto mais, melhor! Você precisa de muitos relatos contemporâneos, e você precisa que eles sejam independentes uns dos outros. Não te ajudará nada ter diferentes relatos que sofreram influências uns dos outros; você precisa de relatos que atestam independentemente os resultados. Além disso, mesmo que você precise de relatos independentes uns dos outros, que não foram influenciados por outros relatos, você precisa de relatos que corroboram uns aos outros; relatos que são consistentes com aquilo que eles têm a dizer sobre o assunto em questão. Além de tudo isso, finalmente, você necessita de fontes que não sejam tendenciosas acerca do assunto. Você necessita de relatos desinteressados. Você precisa de muitos deles, você precisa que eles sejam independentes uns dos outros, e você ainda precisa que eles sejam consistentes uns com os outros.

O que nós temos sobre os evangelhos do Novo Testamento? Bem, infelizmente não estamos tão abastados quanto gostaríamos de estar. Nós gostaríamos de estar extremamente abastados porque os evangelhos nos contam sobre Jesus, e eles são nossas melhores fontes sobre Jesus. Mas o quão boas estas fontes são? Eu não estou questionando se elas são fontes teológicas válidas para assuntos religiosos. Mas quão boas historicamente elas são? Infelizmente, elas não são tão boas como nós gostaríamos que elas fossem. Os evangelhos foram escritos 35 ou 36 anos após a morte de Jesus – 35 ou 36 anos após sua morte, não por pessoas que foram testemunhas oculares, mas por pessoas que viveram depois. Os evangelhos foram escritos por pessoas altamente letradas, treinadas, fluentes em grego e que viveram em uma segunda ou terceira geração após a morte de Jesus. Eles não foram escritos pelos seguidores de Jesus que falavam aramaico. Eles foram escritos por pessoas que viveram 30, 40, 50, 60 depois. Onde estas pessoas conseguiram suas informações? Devo salientar que os evangelhos afirmam ter sido escritos por Mateus, Marcos, Lucas e João. Mas, isto é apenas em sua Bíblia em português. Estes são os títulos dos evangelhos, mas quem quer que tenha escrito o evangelho de Mateus, não o chamou de Evangelho de Mateus. Quem quer que tenha escrito o evangelho de Mateus simplesmente escreveu este evangelho, e alguém depois disse que ele era o evangelho de acordo com Mateus. Alguém depois está dizendo a você quem o escreveu. Os títulos são adições posteriores. Os evangelhos não são relatos de testemunhas oculares. Então, de onde eles conseguiram suas informações?

Após os dias de Jesus, as pessoas começaram a contar histórias sobre ele a fim de converter outras pessoas à fé. Eles estavam tentando converter judeus e gentios.

Como você convence alguém a parar de adorar seu Deus para começar a adorar Jesus? Você precisa contar histórias sobre Jesus. Então você converte uma pessoa a partir daquilo que você diz. Esta pessoa converte outra que converte outra, e ao mesmo tempo as pessoas continuam contando suas histórias.

A maneira como isto funciona é assim: eu sou um negociador em Éfeso e alguém vem à cidade e me conta histórias sobre Jesus; a partir destas histórias, eu me converto. Eu digo à minha mulher estas histórias. Ela se converte. Ela então conta as histórias à nossa vizinha do lado. Ela se converte. A vizinha conta as histórias a seu marido. Ele se converte. Ele viaja a Roma a negócios, e conta a algumas pessoas lá estas histórias. Eles se convertem. Estas pessoas que ouviram as histórias em Roma, onde eles as ouviram? Eles as ouviram de um homem que morava perto de mim. Bem, ele estava lá para ver as coisas acontecendo? Não. De onde ele ouviu as histórias, então? Ele as ouviu de sua mulher. De onde ela as ouviu? Ela estava lá? Não. Ela as ouviu de minha mulher. De onde minha mulher as ouviu? Ela as ouviu de mim. Bem, de onde eu as ouvi? Nem eu mesmo estava lá.

Histórias estão em circulação ano após ano após ano, e em razão disto, as histórias são alteradas. Como sabemos que as histórias foram alteradas no processo de transmissão? Nós sabemos as histórias que foram alteradas quando existem numerosas diferenças em nossos relatos que não podem ser reconciliados uns com os outros. Você não precisa acreditar nisso porque eu estou falando; apenas confira por si mesmo. Eu digo a meus alunos que a razão de nós não percebemos que existem tantas diferenças nos evangelhos é porque nós os lemos verticalmente, isto é, do início ao fim. Você começa ler Marcos, o lê do início ao fim; então você lê Mateus, lê-lo do início ao fim, e Mateus soa muito parecido com Marcos; então você lê Lucas do início ao fim, e Lucas soa muito parecido com Mateus e Marcos; depois você lê João, um pouquinho diferente, mas soa igual com os demais. A razão é porque você os está lendo verticalmente. A maneira de enxergar as diferenças nos evangelhos é lê-los horizontalmente. Leia uma história em Mateus, então a mesma história em Marcos, e compare as duas histórias e veja o que perceberá. Você enxergará grandes diferenças. Apenas pegue o caso da morte de Jesus. Em qual dia Jesus morreu e em qual horário? Ele morreu um dia antes do pão da Páscoa ser comido, como João explicitamente diz, ou ele morreu depois dele ser comido, como Marcos explicitamente diz? Ele morreu ao meio dia, como é dito em João, ou às 9 da manhã, como dito em Marcos? Jesus carregou sua cruz sozinho por todo o caminho ou Simão de Cirene a carregou? Isto depende de qual evangelho você lê. Os dois ladrões zombaram de Jesus na cruz ou apenas um deles zombou dele enquanto o outro o defendeu? Isto depende de qual evangelho você lê. O véu do templo se rasgou ao meio antes de Jesus morrer ou depois? Depende de qual evangelho você lê.

Ou então pegue os relatos sobre a ressurreição. Quem foi à tumba no terceiro dia? Maria foi lá sozinha ou ela foi com outras mulheres? Se Maria foi lá com outras mulheres, quantas outras foram lá, quem eram elas e quais eram seus nomes? A pedra que lacrava o sepulcro rolou antes delas chegarem lá ou não? O que elas viram na tumba? Elas viram um homem, elas viram dois homens, ou elas viram um anjo? Depende do relato que você lê. O que elas disseram aos discípulos? Era para os discípulos permanecerem em Jerusalém e ver Jesus lá ou era para eles saírem e verem Jesus em Galiléia? As mulheres falaram com alguém ou não? Depende do evangelho que você lê. Os

discípulos nunca abandonaram Jerusalém ou eles a deixaram imediatamente rumo a Galiléia? Todas as respostas dependem de qual relato você lê.

Você tem os mesmos problemas com todas as fontes e com todos os evangelhos. Eles não são relatos fidedignos. Os autores não foram testemunhas oculares; eles foram cristãos fluentes em grego que viveram 35 a 65 anos após os eventos que eles narraram. Os relatos que eles narraram são baseados em tradições orais que estavam em circulação por décadas. Ano após ano os cristãos tentaram converter as demais pessoas contando histórias sobre Jesus ter ressuscitado da morte. Estes escritores estão contando histórias que os cristãos estão repetindo por todos estes anos. Muitas histórias foram inventadas e a maioria das demais foi alterada. Por esta razão, estes relatos não são tão úteis como nós gostaríamos que eles fossem para propósitos históricos. Eles não são contemporâneos aos acontecimentos, eles não são desinteressados, e eles não são consistentes.

Mas até mesmo se estas histórias fossem as melhores fontes no mundo, ainda permaneceria um obstáculo principal que nós simplesmente não podemos vencer se abordarmos a questão da ressurreição historicamente mais do que teologicamente. Tudo bem para mim se Bill quiser argumentar teologicamente que Deus ressuscitou Jesus ou até mesmo se ele quiser argumentar que Jesus ressuscitou a si mesmo da morte. Mas isto não pode ser uma reivindicação histórica, e não pela razão que ele impôs a mim como um velho argumento do século XVIII que já foi refutado. Historiadores podem estabelecer apenas o que provavelmente aconteceu no passado. O problema dos historiadores é que eles não podem repetir um experimento. Hoje, se você quiser provar alguma coisa, é muito simples conseguir provas para muitas coisas na ciência natural; na ciência experimental nós temos provas. Se eu quisesse provar a você que barras de sabão flutuam, mas barras de metal afundam, tudo o que eu preciso fazer é pegar 50 litros de água e começar a jogar as barras. As barras de sabão vão sempre flutuar, as barras de metal sempre vão afundar, e depois de algum tempo teremos um nível do que podemos chamar de probabilidade, onde se eu colocar o ferro novamente, ele afundará novamente, e se eu colocar o sabão, ele flutuará novamente. Nós podemos repetir experiências naturais fazendo experimentos científicos. Mas nós não podemos repetir experimentos na histórica porque uma vez que eles acontecem, acabou.

O que são milagres? Milagres não são impossíveis. Eu não vou dizer que eles são impossíveis. Você pode até pensar que eles são possíveis e, se você pensar assim, então você vai concordar com meu argumento mais do que eu mesmo. Eu estou dizendo que milagres são tão altamente improváveis que eles são a possibilidade mais remota em qualquer instância. Eles violam a maneira como a natureza normalmente trabalha. Eles são tão altamente improváveis, sua probabilidade é infinitesimalmente remota, que nós os chamamos milagres. Ninguém neste planeta pode andar sobre as águas. Quais são as chances de um de nós conseguir fazer isso? Bem, nenhum de nós pode, então vamos dizer que as chances são de uma em dez bilhões. Bem, alguém supostamente consegue. Isto dado que as chances são de uma em dez bilhões, mas, de fato, ninguém de nós consegue andar sobre as águas.

E sobre a ressurreição de Jesus? Eu não estou dizendo que isto não aconteceu; mas, se a ressurreição aconteceu, isto seria um milagre. A reivindicação de que

Jesus ressuscitou não trata apenas do corpo de Jesus voltar à vida; ele voltou à vida para não morrer novamente. Esta é uma violação do que naturalmente acontece, todos os dias, tempo após tempo, milhões de vezes por ano. Quais são as chances de uma ressurreição acontecer? Bem, isto seria um milagre. Em outras palavras, seria tão altamente improvável que nós não podemos explicar este evento por meios naturais. Um teólogo pode dizer que a ressurreição aconteceu, e para argumentar com o teólogo nós devemos argumentar em terreno teológico porque não há bases históricas para argumentação. Historiadores podem estabelecer apenas o que provavelmente aconteceu no passado, e por definição um milagre é a possibilidade mais remota a se considerar. Sendo assim, pela natureza do cânones da pesquisa histórica, nós não podemos reivindicar historicamente que um milagre provavelmente aconteceu. Por definição, a ressurreição provavelmente não aconteceu. E a história pode estabelecer apenas o que provavelmente ocorreu.

Eu gostaria que pudéssemos estabelecer milagres, mas não podemos. Não é por culpa de ninguém. Simplesmente os cânones da pesquisa histórica não permitem que se estabeleça como provável a mais improvável de todas as ocorrências. Por esta razão, as quatro evidências levantadas por Bill são completamente irrelevantes. Não pode ser provavelmente histórico um evento que desafia a probabilidade, mesmo que o evento tenha ocorrido. A ressurreição deve ser considerada pela fé, não com base em provas.

Permitam-me ilustrar um cenário alternativo do que poderia ter acontecido para explicar a tumba vazia. Eu não acredito no que vou dizer. Eu não acho que tenha acontecido desta forma, mas é mais provável que um milagre acontecendo, porque um milagre, por definição, é a possibilidade mais remota. Então, deixe-me dar mostrar a vocês uma teoria, apenas uma que eu inventei aqui. Eu poderia inventar vinte destas teorias que são implausíveis, mas que ainda assim são mais plausíveis que a ressurreição.

Jesus foi sepultado por José de Arimatéia. Dois parentes de Jesus então ficaram irritados por um desconhecido líder judeu ter enterrado o corpo. No fim da noite, estes dois parentes roubaram a tumba, pegaram o corpo e o enterram eles mesmos. Mas os soldados romanos na vigília os viram carregando o corpo pela estrada, lutaram com eles e os mataram. Eles jogaram os três corpos em uma mesma caverna, onde depois de três dias estes corpos estavam impossíveis de seres reconhecidos. A tumba então está vazia. Pessoas vão à tumba e a encontram vazia, começam a pensar que Jesus ressuscitou dos mortos, e elas começam a pensar que o viram, pois eles sabem que Jesus ressuscitou, afinal a tumba está vazia.

Este é um cenário improvável, mas você não pode objetá-lo como impossível de ter acontecido porque não é. Pessoas roubaram tumbas. Soldados mataram civis com um pretexto mínimo. Pessoas foram enterradas em uma mesma caverna e deixadas à podridão. Não é provável, mas este cenário é mais provável que um milagre, que é tão improvável que você deve apelar para uma intervenção sobrenatural para fazê-lo funcionar. Esta explicação alternativa que eu dei a vocês – que não é a que eu creio ser verdadeira – é pelo menos plausível, e é histórica, em oposição à explicação de Bill, que não é uma explicação histórica. A explicação de Bill é uma explicação teológica.

A evidência de que o próprio Bill não vê sua explicação como histórica é que ele reivindica que sua conclusão é que Jesus foi ressuscitado da morte. Quem o ressuscitou? Bem, presumidamente Deus! Esta é uma reivindicação teológica sobre alguma

coisa que aconteceu com Jesus. Trata-se de alguma coisa que Deus fez com Jesus. Mas historiadores não podem presumir crença ou descrença em Deus ao fazerem suas conclusões. Discussões sobre o que Deus fez são naturalmente teológicas, elas não são históricas. Historiadores, sinto em dizer, não têm acesso a Deus. Os cânones da pesquisa histórica são restritos apenas ao que acontecem aqui neste plano terreno. Eles não podem nem pressupõe nenhum tipo de crença sobre o mundo natural. Eu não estou dizendo que isto é bom ou mau. Simplesmente é a maneira pela qual a pesquisa histórica trabalha.

Permitam-me lhes dar uma analogia. Não é ruim que não existam provas matemáticas para a evidência de uma polêmica antisemitista em *O Mercador de Veneza*. Matemática é simplesmente irrelevante em relação a questões literárias. Da mesma forma, as pesquisas históricas não podem conduzir reivindicações teológicas sobre o que Deus fez.

Em resumo, as fontes que temos não são tão boas quanto desejamos que elas fossem. As narrativas foram escritas muitas décadas após os fatos por pessoas que não estavam lá para vê-las acontecendo, que herdaram histórias que foram alteradas no processo de transmissão. Estes relatos que temos sobre a ressurreição de Jesus não são internamente consistentes; eles são cheios de discrepâncias, incluindo o relato da morte e ressurreição de Jesus. Mas existe o problema com o milagre. Não se trata do problema filosófico com o milagre discutido nos séculos XVII e XVIII. Trata-se de um problema histórico com o milagre, Historiadores não podem estabelecer milagres como ocorrência mais provável porque milagres, por sua natureza são as mais improváveis ocorrências. Obrigado!

Dr. Craig – Primeira Refutação

Bem, obrigado Bart, vejo que teremos um bom debate esta noite. Agora, vocês vão se recordar que eu estabeleci dois pontos para defender esta noite:

- I. Existem quatro fatos que alguma hipótese histórica precisa explicar.
- II. A ressurreição de Jesus é a melhor explicação para estes fatos.

Agora, eu gostaria de pular este primeiro ponto por causa do tempo e ir direto para o segundo porque ele é a chave onde Dr. Ehrman e eu discordamos.

Dr. Ehrman sustenta que nós nunca podemos dizer que um milagre como a ressurreição provavelmente aconteceu porque milagres, por sua própria natureza, são intrinsecamente improváveis. Agora, a despeito do que ele disse, este argumento não é novo. Ele já foi proposto no século XVIII por David Hume em seu ensaio *Of Miracles*. O argumento do Dr. Ehrman é apenas uma versão recauchutada do pensamento de David Hume. Agora, o que os filósofos contemporâneos pensam sobre o argumento de Hume contra a identificação de milagres? Bem, permitam-se apresentar-lhes outro Earman, John Earman, Professor de Filosofia da Ciência na *University of Pittsburgh*.

O Slide de Powerpoint mostra a capa do livro de John Earman, “Hume’s Abject Failure: The argument Against Miracle” [*O Fiasco Desprezível de Hume: O argumento contra o milagre*]

Este Professor Earman não é um cristão; na verdade, ele é um agnóstico. Ele nem mesmo acredita na existência de Deus. Todavia, veja o que ele pensa sobre o argumento de Hume: não é apenas um fiasco, é um fiasco desprezível. Isto é para dizer que, ele é demonstradamente, irremediavelmente, desesperadamente falacioso.

Permitam-me explicar por que.

Quando falamos sobre a probabilidade de algum evento ou hipótese **A**, esta probabilidade é sempre relativa a um corpo de informações de um contexto **B**. Assim, nós dizemos sobre a probabilidade de **A** sobre **B**, ou de **A** em relação a **B**.

**Slide de Powerpoint mostra a fórmula $Pr(A/B)$ **

Então, a fim de descobrirmos a probabilidade da ressurreição, tomemos **B** como o corpo de informações que nós temos à parte de qualquer evidência para a ressurreição. Tomemos **E** para a evidência específica da ressurreição de Jesus: a tumba vazia, as aparições post-mortem, etc. Finalmente, tomemos **R** como a ressurreição de Jesus. Agora, o que nós queremos descobrir é a probabilidade da ressurreição de Jesus dado o corpo de informações que nós temos e a evidência específica neste caso.

Calculando a Probabilidade da Ressurreição

B = Conhecimento do Mundo

E = Evidência Específica (tumba vazia, aparições *post-mortem*, etc.)

R = Ressurreição de Jesus

$Pr(R/B \ \& \ E) = ?$

Os teóricos em probabilidade desenvolveram uma fórmula muito complexa para calcular probabilidades como esta, e eu vou caminhar com vocês passo a passo, então vocês a entenderão.

O primeiro fator que nós precisamos considerar é a probabilidade da ressurreição sobre o corpo de informações que nós temos, apenas:

$$Pr(R/B \ \& \ E) = \frac{Pr(R/B)}{\quad}$$

$Pr(R/B)$ é chamada de *intrínseca probabilidade* da ressurreição. Ela nos diz o quão provável a ressurreição é dado o corpo de informações que temos.

A seguir nós a multiplicamos pela probabilidade da evidência dado o corpo de informações que temos e a ressurreição:

$$Pr(R/B \ \& \ E) = \frac{Pr(R/B) \times Pr(E/B \ \& \ R)}{\quad}$$

$Pr(E/B \ \& \ R)$ é chamado de *poder explanatório* da hipótese da ressurreição. Ela nos diz o quão provável a ressurreição torna a tumba vazia e os demais fatos. Estes dois fatores formam o numerador do cálculo.

Agora, na linha de baixo, no denominador, apenas reproduza o numerador. Apenas mova tudo o que está na linha de cima para a linha de baixo:

$$\Pr(R/B \ \& \ E) = \frac{\Pr(R/B) \times \Pr(E/B\&R)}{\Pr(R/B) \times \Pr(E/B\&R)}$$

Finalmente, nós adicionamos a este produto dois novos fatores: a intrínseca probabilidade que Jesus não ressuscitou de dentre os mortos e o poder explanatório da hipótese da não-ressurreição:

$$\Pr(R/B \ \& \ E) = \frac{\Pr(R/B) \times \Pr(E/B\&R)}{\Pr(R/B) \times \Pr(E/B\&R) + \Pr(\text{not-R/B}) \times \Pr(E/B\&\text{not-R})}$$

Basicamente, $\Pr(\text{not-R/B}) \times \Pr(E/B\&\text{not-R})$ representa a intrínseca probabilidade e o poder explanatório de todas as explicações naturalistas alternativas à ressurreição de Jesus.

Assim, a probabilidade da ressurreição de Jesus relativa ao corpo de informações que temos e a específica evidência é equivalente nesse cálculo complicado.

Agora nós estamos prontos para observar precisamente onde o erro do Dr. Ehrman mente. Então, em homenagem ao desprezível erro de Hume, eu lhes dou: o Erro Escandaloso de Ehrman.

Erro Escandaloso de Ehrman

$$\Pr(R/B \ \& \ E) = \frac{\Pr(R/B) \times \Pr(E/B\&R)}{\Pr(R/B) \times \Pr(E/B\&R) + \Pr(\text{not-R/B}) \times \Pr(E/B\&\text{not-R})}$$

“Uma vez que historiadores podem estabelecer apenas o que provavelmente aconteceu, e como um milagre é em sua natureza muito improvável, os historiadores não podem dizer que a ressurreição provavelmente aconteceu”. (*The Historical Jesus*, pt II, p. 50)

Ele diz: “Uma vez que historiadores podem estabelecer apenas o que provavelmente aconteceu, e como um milagre é em sua natureza muito improvável, os historiadores não podem dizer que a ressurreição provavelmente aconteceu”.

Em outras palavras, ao calcular a probabilidade da ressurreição de Jesus, o único fator que ele considera é a intrínseca probabilidade apenas [$\Pr(R/B)$]. Ele simplesmente ignora todos os outros fatores. E isto é uma falácia aritmética. A probabilidade da ressurreição poderia ainda ser muito alta mesmo que a $\Pr(R/B)$ tivesse um valor muito baixo. Especificamente, Dr. Ehrman ignora os fatores cruciais das alternativas

naturalistas para a ressurreição [$\Pr(\text{not-R/B}) \times \Pr(\text{E/B} \ \& \ \text{not-R})$]. Se estes fatores possuem baixos valores, eles vão contrabalançar a qualquer intrínseca improbabilidade da hipótese da ressurreição.

Nós podemos ver isto ao olhar para a forma dos cálculos de probabilidade. Eles têm esta forma:

$$\frac{X}{X + Y}$$

Eles têm esta forma, pois o numerador é reproduzido no denominador. Agora, observe que quanto mais próximo de zero o Y estiver, mais o valor deste cálculo se aproxima de 1, que na teoria de probabilidade representa “absoluta certeza”. Então, o que é realmente crucial aqui é a probabilidade de Y, que representa a intrínseca probabilidade e o poder explanatório das explicações naturalistas para a ressurreição de Jesus. Então, o Dr. Ehrman não pode simplesmente ignorar estas hipóteses inconsistentes. Se ele quiser explicar que a ressurreição é um evento improvável, ele precisa não apenas derrubar todas as evidências para a ressurreição, mas ele também precisa erigir uma argumentação positiva em favor de alguma explicação naturalista alternativa à ressurreição.

Mas isto não é tudo. Dr. Ehrman apenas assume que a probabilidade da ressurreição em relação ao corpo de informações que temos [$\Pr(\text{R/B})$] é muito pequeno. Mas aqui, eu penso, ele se confundiu. O que, afinal de contas, é a hipótese da ressurreição? É a hipótese de que Jesus ressuscitou *sobrenaturalmente* da morte. Não é uma hipótese de que Jesus reviveu *naturalmente* da morte. Que Jesus ressuscitou naturalmente da morte é fantasticamente improvável. Mas eu não vejo nenhuma boa razão para considerar como improvável o fato de Deus ter ressuscitado Jesus de dentre os mortos.

A fim de mostrar que esta hipótese é improvável, você teria de mostrar que a existência de Deus é improvável. Mas Dr. Ehrman disse que um historiador *não pode* dizer nada sobre Deus. Portanto, ele não pode dizer que a existência de Deus é improvável. Mas se ele não pode dizer isto, ele também não pode dizer que a ressurreição de Jesus é improvável. Portanto, a posição do Dr. Ehrman é literalmente autocontraditória.

Mas isto fica ainda pior. Existe outra versão da objeção do Dr. Ehrman que é ainda mais falaciosa que o “Erro Escandaloso de Ehrman”. Eu o chamo de “A Mancada do Ehrman”.

A Mancada do Ehrman

"Uma vez que historiadores podem estabelecer apenas o que *provavelmente* aconteceu no passado, eles não podem mostrar que milagres aconteceram, uma vez que isto envolveria uma *contradição* – que o maior dos eventos improváveis é mais provável".
(*The New Testament: A Historical Introduction*, p. 229)

=> Confusão de Pr (R/B & E) com Pr (R/B)

Aqui está: “uma vez que historiadores podem estabelecer apenas o que *provavelmente* aconteceu no passado, eles não podem mostrar que milagres aconteceram, uma vez que isto envolveria uma *contradição* – que o maior dos eventos improváveis é mais provável”.

A verdade é que não existe em absoluto nenhuma *contradição* aqui porque estamos falando sobre *duas probabilidades diferentes*: a probabilidade da ressurreição em relação ao corpo de informações que temos e a evidência [Pr (R/B & E)] e a probabilidade da ressurreição sobre o corpo de informações que temos apenas [Pr (R/B)]. Não é surpresa alguma que a primeira probabilidade possa ser muito alta enquanto a segunda possa ser muito baixa. Não existe absolutamente nenhuma *contradição*. Em suma, o fundamental argumento do Dr. Ehrman contra a hipótese da ressurreição é demonstradamente falacioso.

Hume, porém, tinha uma desculpa para sua desprezível falácia: o cálculo de probabilidade não havia sido desenvolvido em seu tempo. Mas hoje os estudiosos do Novo Testamento não têm mais esta desculpa ao usar a seu favor um pensamento demonstradamente falacioso. Agora, Dr. Ehrman já mostrou que possui honestidade intelectual para mudar de opinião sob o poder da evidência empírica. Mas, neste caso, a mudança de sua opinião é matematicamente obrigatória, e eu espero que ele faça uso da mesma honestidade intelectual que o levou a mudar de opinião a respeito dos quatro fatos, que esta honestidade o conduza a repensar sua oposição à hipótese da ressurreição.

Agora, em meus poucos minutos restantes, permitam-me voltar ao meu primeiro ponto e tratar a respeito das respostas de Ehrman.

Ele disse existe uma espécie de lista ideal de fontes históricas que ele poderia oferecer e que os evangelhos não são fontes tão boas como gostaríamos que eles fossem. Permitam-me dizer que esta lista é tão idealista quanto irrelevante para o trabalho de um historiador. O único propósito para qual ela serve é para o efeito psicológico em criar uma barreira tão irrealisticamente alta para a qual os evangelhos parecem estar aquém, por comparação. Na verdade, entretanto, nenhuma fonte da história antiga corresponde a esta lista ideal, e quatro em seis dos documentos do Novo Testamento, penso, cumprem as exigências desta lista completamente, e as outras duas parcialmente. Então a questão não é

se os relatos são bons quanto gostaríamos que elas fossem, mas, elas são boas o suficiente para estabelecer os quatro fatos? E elas certamente são.

E sobre as inconsistências? Bem, vocês se lembram que eu disse que ele precisaria mostrar três coisas para levar a adiante este argumento? Primeiro, que as inconsistências são insolúveis. Segundo, que elas negam a parte mais importante da narrativa, mais do que os detalhes. E terceiro, que ele teria de mostrar que todos os documentos possuem a mesma confiabilidade histórica, uma vez que a presença de inconsistências em uma fonte posterior e menos confiável não diminui em nada a credibilidade de uma fonte anterior e mais fidedigna. Então, eu não acredito que ele realmente mostrou que estas inconsistências apontadas por ele invalidam as narrativas.

A verdade é que, quando olhamos para os evangelhos, vemos que todos eles concordam que Jesus de Nazaré foi crucificado por autoridades romanas durante a Páscoa, após ser preso e condenado pelo crime de blasfêmia no Sinédrio Judaico e então levado ao governador romano sob a acusação de crime de traição. Ele morreu após algumas horas e foi enterrado na sexta feira à tarde por José de Arimatéia em uma tumba que foi selada com uma pedra. Certamente algumas seguidoras de Jesus, incluindo Maria Madalena, que é sempre mencionada, visitaram sua tumba no domingo pela manhã, encontrando-a vazia. Por conseguinte, Jesus apareceu vivo aos seus discípulos, incluindo Pedro, que então se tornaram proclamadores da mensagem da ressurreição.

Todos os quatro evangelhos atestam todos estes fatos. Mais detalhes poderiam ser mencionados simplesmente citando fatos relatados em três dos evangelhos, três em quatro. E, como eu digo, a questão relevante é que o próprio Dr. Ehrman agora admite, desde 2003, que a despeito das inconsistências dos relatos, que estes quatro fatos são históricos. N. T. Wright, na conclusão de sua massiva pesquisa sobre as narrativas da ressurreição, diz que a tumba vazia e as aparições *post-mortem* possuem uma probabilidade histórica tão alta que poderiam ser chamadas de “virtualmente certas”, como a morte de Augustus no ano 14 dC ou a queda de Jerusalém no ano 70 dC¹⁰. Isto é incrível!

Então, eu acho que o debate não está sobre estes fatos. A questão aqui é qual é a melhor *explicação* para estes fatos. E a objeção que o Professor Ehrman oferece não é uma objeção histórica. Ele não oferece um argumento histórico e sim um argumento filosófico, que é baseado em um mal entendido sobre as probabilidades envolvidas. Uma vez que já esclareci sobre este ponto, não vejo nenhuma razão em absoluto do por que alguém não pode inferir a partir da evidência histórica que Jesus de Nazaré ressuscitou dos mortos.

¹⁰ N. T. Wright, *The Resurrection of the Son of God* (Minneapolis, MN.: Fortress Press, 2003), p. 710.

Dr Ehrman – Primeira Refutação

Obrigado Bill por esta refutação incrível! Mas tenho de dizer que se você pensa que eu vou mudar de opinião apenas porque você tem uma prova matemática da existência de Deus, sinto muito, mas isto não vai acontecer! Então, me desculpe, eu tenho apenas doze minutos para minha refutação e preciso de três horas, como eu imagino que você também precise.

Permitam-me dizer que eu respeito a fé pessoal de Bill de que Jesus ressuscitou de dentre os mortos, mas eu penso que sua reivindicação de que esta fé possa ser provada historicamente é falsa. Eu vou dividir minha resposta em quatro partes, apresentando aspectos duvidosos da apresentação de Bill, dando exemplos ao invés de tentar lidar com cada detalhe desta apresentação.

Primeiro, Bill faz uso duvidoso das menções de autoridades modernas. Bill frequentemente cita estudiosos modernos como se de alguma forma estas citações constituíssem evidência para seu ponto de vista. Como o próprio Bill sabe, o fato da maioria dos estudiosos do Novo Testamento concordar com seus quatro pontos não prova que eles estão corretos. Por uma simples razão: a maioria dos estudiosos do Novo Testamento acredita no Novo Testamento, isto é, eles estão comprometidos com o texto, então eles obviamente vão concordar com os quatro pontos. Eu poderia mencionar aqui que a maioria dos historiadores não concorda com a conclusão de Bill. Isto torna suas conclusões falsas? Não. Isto simplesmente significa que suas conclusões não são persuasivas para a maioria dos historiadores. Tendo dito isto, estou surpreso com algumas das autoridades que Bill menciona, porque na realidade a maioria dos estudiosos críticos que pesquisa sobre a história de Jesus discorda da conclusão de Bill de que um historiador pode mostrar que o corpo de Jesus emergiu fisicamente de sua tumba. Bill pode até se surpreender com isto e a razão é o contexto onde ele trabalha – um seminário evangélico conservador. Neste ambiente, o que ele pronuncia não é nada mais do que todo mundo acredita. E é impressionante como até mesmo algumas das autoridades chave que ele citou não concordam com suas conclusões. Ele cita um bom número de estudiosos, que eu considero como amigos e conhecidos, e eu posso dizer a vocês, eles não concordam com seu ponto de vista. Isto o torna errado? Não, isto simplesmente significa que sua impressionante lista de citações é tendenciosa, parcial, e falha na tarefa de nos contar a história real, que é que ele representa a opinião minoritária no debate.

Segundo, Bill faz uso duvidoso das fontes primitivas. Bill cita o apóstolo Paulo sobre José de Arimatéia ter enterrado Jesus, apenas para pegar um exemplo, como uma fonte datada apenas cinco anos após a morte de Jesus. Paulo não estava escrevendo cinco anos após a morte de Jesus; ele estava escrevendo vinte e cinco anos depois, e nunca mencionou José de Arimatéia. José de Arimatéia não é citado até que você chegue ao evangelho de Marcos, 35 ou 40 anos após o fato. Quando Paulo menciona que Jesus foi sepultado, ele quer dizer que ele foi sepultado em uma caverna comum, o que frequentemente acontecia com criminosos crucificados. Paulo disse que ele foi sepultado; ele pode ter sido sepultado em uma caverna comum. Devo frisar que em alguns de seus trabalhos, Bill cita um grande número de frases minhas, e ele as tira fora de seu contexto, como mostrarei em alguns minutos, porque o que ele disse sobre eu ter mudado de idéia, eu

não concordo. Mas em seus escritos ele menciona que Marcos traz uma narrativa mais simples sobre o sepultamento e que, por esta razão, seu relato se trata de uma narrativa não adulterada por alterações e então, segundo suas palavras, mais provável de ser histórica. Eu gostaria de saber se ele ainda pensa assim – que uma tradição não adulterada é mais provável de ser histórica. Porque se isto for verdade, então eu gostaria que ele nos dissesse se ele pensa que o relato de Mateus não é histórico, por ser a tradição mais adulterada de todas. Isto pode ser comparado com seu comentário alguns minutos atrás de que todas as tradições primitivas concordavam com alguma coisa, então que nós não deveríamos nos preocupar com as tradições posteriores. Bem, então, nos diga Bill, você acha que as tradições posteriores não são históricas?

Terceiro, Bill faz reivindicações e asserções duvidosas. Por exemplo, Bill diz que a história das mulheres indo à tumba jamais poderia ter sido inventada pelos primeiros cristãos. Devo frisar que Paulo jamais mencionou as mulheres indo à tumba, apenas os relatos posteriores de Marcos e demais evangelhos. Aqui o problema é um dentre outros típicos da posição de Bill. Seu argumento não analisa seriamente a natureza das fontes. Qualquer um que analisasse o evangelho de Marcos não teria nenhuma dificuldade de ver porque, 35 anos após o evento, ele ou qualquer outra pessoa em sua comunidade poderia ter inventado esta história. O evangelho de Marcos é cheio de reflexões teológicas sobre o sentido da vida acerca de Jesus; este é o evangelho de Marcos. Ele não é um relatório, é um evangelho. É uma proclamação das boas novas, como Marcos mesmo disse, da morte e ressurreição de Cristo. Um dos temas abordados por Marcos é que nenhuma pessoa durante o ministério de Jesus conseguiu entender quem ele era. Sua família não entendeu. Seus conterrâneos não entenderam. Os líderes de seu povo não entenderam. Nem mesmo seus discípulos entenderam Jesus – especialmente os discípulos! Para Marcos, apenas os estrangeiros tinham um palpite de quem Jesus era: uma mulher desconhecida que o ungiu, um centurião, etc. Quem entendeu quem ele era no final das contas? Nem a família de Jesus, nem os discípulos! Apenas um grupo de mulheres desconhecidas. Por outro lado a narrativa das mulheres à tumba se encaixa perfeitamente com os propósitos do evangelho de Marcos. Desta forma, elas não podem ser tomadas como uma espécie de evidência histórica para o fato. Elas claramente se encaixam na “agenda” do evangelho. O mesmo pode ser dito sobre José de Arimatéia. Qualquer um que não consiga pensar porque os cristãos podem ter inventado a idéia que Jesus tinha um seguidor secreto entre os líderes judeus está simplesmente em falta com a imaginação histórica.

Quarto, Bill faz inferências duvidosas em seus argumentos. Bill infere que Paulo deve ter acreditado na tumba vazia uma vez que ele falou sobre as aparições de Cristo. Cristo apareceu, então a tumba vazia deve ser verdade. Este é um ponto de vista muito problemático. Para os antigos, como em oposição a pensadores pós-iluministas com Bill, uma aparição não requer necessariamente uma reanimação do corpo físico. De acordo com os evangelhos, Moisés e Elias apareceram a Jesus, Tiago e João. Você acredita que estes homens, Moisés e Elias, voltaram à vida? Aquele corpo de Moisés foi reconstituído, voltou da morte e então apareceu vindo dos céus? Ou aquilo foi uma visão apenas? Certamente foi uma visão; Moisés e Elias desapareceram imediatamente. As pessoas antigamente não tinham problema em acreditar que os corpos podem ser espirituais, não físicos. Evidências para isto podem ser encontradas abundantemente em todas as fontes antigas – judaicas, pagãs e cristãs. Fontes pagãs do oitavo século ao segundo século anterior

a Cristo; de mitos pagãos a romances pagãos a poetas pagãos a filósofos pagãos, eles estão repletos de relatos de Deus aparecendo na forma humana aos seres humanos. Mas estas aparições são visões; não corpos humanos reais. O divino pagão Apolônio de Tiana aparece a seus seguidores após sua morte, mas trata-se de uma visão, não de uma reanimação de seu corpo. Com textos judeus da mesma forma: anjos, arcanjos e demônios aparecem às pessoas em imagem humana, mas eles não possuem corpos reais.

Em resumo, Bill erra ao assumir que se os discípulos afirmaram ter visto Jesus vivo após sua morte, eles necessariamente acreditaram ou sabiam que se seu corpo físico havia ressuscitado. A presunção de Bill é moderna, não antiga. Os textos com os quais estamos lidando são textos antigos, não modernos. As pessoas de antigamente não tinham absolutamente nenhuma dificuldade de pensar que uma aparição divina não era física. Um corpo poderia ser sepultado e a pessoa poderia aparecer viva logo em seguida sem que seu corpo deixasse a tumba. Se Bill tem dúvidas quanto a isso, eu sugiro a ele que leia mais alguns textos antigos para que ele veja como eles tratam disto. Ele pode começar com os textos cristãos do século segundo, como Atos de João ou Apocalipse de Pedro ou o Segundo Tratato de Seth, ou ele pode considerar os argumentos propostos por Basílides, que foi discípulo de Pedro. Para as pessoas daquela época, aparências *post-mortem* não eram sinônimos de reanimação de corpo.

Além do mais, o corpo de Jesus ressuscitado podia fazer coisas que corpos comuns não podem fazer. Ele entra em salas que estão com as portas trancadas por dentro, ele ascende aos céus. Bill está seriamente argumentando com bases históricas que o corpo ressurreto de Jesus poderia fazer estas coisas? Trata-se de afirmações teológicas sobre Jesus, não de uma afirmação histórica. Historiadores não são aptos a estabelecer o que Deus faz. Este é o trabalho de um historiador. O mesmo acerca de sua conclusão de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos. Trata-se de uma conclusão teológica, não histórica. Se ele quer juntar evidências matemáticas sobre o que Deus provavelmente fez no mundo, eu devo dizer que isto não vai convencer à maioria dos matemáticos e certamente não vai convencer a maioria dos historiadores. Historiadores não têm acesso a Deus. O historiador pode dizer que Jesus morreu na cruz, mas ele não pode dizer que Deus aceitou seu corpo como uma expiação. O historiador pode dizer que o apóstolo Paulo afirmou ter tido uma visão de Jesus após sua morte, mas ele não pode dizer que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos.

A verdade é que: nós não sabemos se Jesus foi sepultado por José de Arimatéia. O que nós temos são relatos escritos décadas depois dos eventos por pessoas que ouviram histórias em circulação, e não é de maneira nenhuma difícil imaginar alguém inventando esta história. Nós não sabemos se a tumba de Jesus estava vazia três dias depois. Nós não sabemos se ele foi visto fisicamente pelos seus seguidores após sua morte. Bill vai dizer que eu contradisse a mim mesmo, mas eu gostaria de lembrar que mais cedo ele me elogiou por ter mudado de opinião!

Eu tenho três questões conclusivas para Bill. Se Bill está reivindicando ser um historiador, então eu acho que é importante avaliar sua relação com os documentos históricos nos quais ele está apelando. Bill acha que os evangelhos dos quais ele está retirando suas informações possuem muitos erros? Se sim, ele poderia nos dizer dois ou três destes erros? Se não, como ele pode esperar que nós acreditemos que ele está avaliando

historicamente estas fontes? Por causa de seus pressupostos prévios, estes textos *têm* de estar corretos.

Segunda questão: Bill acredita que pode ser mostrado historicamente que Jesus realizava milagres, especialmente sua ressurreição, mas também os milagres de sua vida, sem dúvida. Eu gostaria que ele discutisse sobre as evidências em relação aos outros realizadores de milagres contemporâneos de Jesus aparte da tradição cristã. Estaria ele disposto a admitir a partir das mesmas bases históricas que estas pessoas realizaram milagres? Estou me referindo à tradição dos milagres realizados por “Apolônio de Tiana”, “Hanina ben Dosa”, “Honi, o desenhista de círculos”, “Vespasiano”. Estaria Bill disposto a reconhecer que Apolônio apareceu aos seus seguidores após sua morte ou que Otaviano ascendeu aos céus? Ou ele pode pegar qualquer outro milagreiro das tradições pagãs que ele escolher.

Terceira, e finalmente, se apenas os milagres que Bill aceita como tendo acontecido são aqueles pertencentes à tradição judaico-cristã que ele próprio professa, eu gostaria que ele nos dissesse o que os faz ser históricos. Como a fé que ele adotou ainda na adolescência pode ser a única que tem credibilidade histórica? Foi simples coincidência o fato de ele ter nascido em uma família religiosa ou em uma cultura religiosa que pode ser demonstrada historicamente como a única religião verdadeira?

Dr. Craig – Segunda Refutação

Agora, penso que neste último discurso nós ouvimos muito barulho, mas, penso, uma notável ausência de substância. Permitam-me primeiramente falar sobre as controvérsias em relação aos quatro fatos: o sepultamento, a tumba vazia, as aparências e a origem da fé cristã.

Aqui o Dr. Ehrman diz que eu faço uso duvidoso de autoridades modernas. Eu concordo que a citação de autoridades modernas não prova nada por si mesma. Esta é a razão porque eu dei *argumentos* sobre cada um dos pontos. Ele deve lidar com os argumentos. Ele diz que eu represento a opinião da minoria. Não em relação a estes quatro fatos! Eu disse que é controverso se a ressurreição de Jesus é a melhor *explicação* para estes fatos, mas eu posso dar a ele nomes das pessoas que apóiam a veracidade destes quatro fatos. E sobre a historicidade destes quatro fatos, ela representa a opinião da larga maioria dos estudiosos sobre esta questão. Enquanto Dr. Ehrman agora escolhe negar o terrível sepultamento, a tumba vazia, as aparências *post-mortem*, ele aderiu, na verdade, à opinião da decidida minoria dentre estudiosos do Novo Testamento a respeito destes fatos.

Segundo, ele diz que eu faço uso duvidoso de fontes antigas. Por exemplo, ele diz que Paulo escrevia 25 anos depois, não antes como eu afirmei. Mas certamente Dr. Ehrman sabe que Paulo em I Coríntios 15:3-5 estava citando uma antiga tradição cristã que ele próprio recebeu e que pode ser datada para algum momento entre cinco anos após a crucificação. Na verdade, James D. G. Dunn data esta tradição para algum momento entre 18 meses após a morte de Jesus¹¹. Então nós estamos confiando aqui nestas tradições pré-paulinas, não na data da presente carta de Paulo.

Ele também diz que Paulo talvez estivesse falando sobre uma tumba comum. Não quando você olha o quarto versículo de I Coríntios 15! Este versículo é como um esboço dos eventos sobre a morte e ressurreição de Jesus, o sepultamento por José de Arimatéia, a tumba vazia, e então os relatos sobre as aparições. Comparado aos Atos dos Apóstolos de um lado e os evangelhos de outro, esta síntese em I Coríntios 15 se assemelha a um esboço, que inclui de forma implícita o sepultamento de Jesus em uma tumba por José de Arimatéia.

Dr. Ehrman também pergunta, “é verdade que relatos não adulterados são mais prováveis de ser históricos?”. Eu diria que sim. É isto que sua própria lista inclui, que quanto mais antigo for o relato, melhor. Similarmente, que quanto menos adulterado for o relato, maior é sua credibilidade histórica.

Terceiro, ele disse que eu faço asserções duvidosas. Por exemplo, as mulheres na tumba: ele diz que elas foram colocadas lá pelo evangelho de Marcos porque elas seriam um paradigma para os outros. Isto não faz sentido. Estas mulheres eram seguidoras de Jesus; particularmente Maria Madalena é uma dentre os discípulos de Jesus. Então esta sua justificativa não procede. Além do mais, como eu disse, este fato é

¹¹ James, D. G. Dunn, *Jesus Remembered* (Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eedmans, 2003), p. 885

atestado *independentemente*. Ele está assumindo que Marcos é a única fonte; mas nós temos no mínimo cinco fontes independentes para a história da tumba vazia e o envolvimento das mulheres encontra-se nestas fontes. Então sua justificativa simplesmente não funciona. O mesmo acerca de José de Arimatéia; Eu não estou inferindo isto com base nas cartas de Paulo. Nós temos múltiplas fontes independentes para o envolvimento de José com o sepultamento. E o próprio Dr. Ehrman usa este critério em seus trabalhos sobre a historicidade de Jesus.

Ele diz, número quatro, que eu faço inferências duvidosas. Por exemplo, que uma vez que Paulo disse que Jesus apareceu, então existe uma tumba vazia. Eu nunca fiz tal inferência, neste debate ou qualquer de meus trabalhos escritos. Pelo contrário, nos meus livros meu argumento era que quando Paulo diz “e ele foi sepultado e ele ressuscitou”, nenhum judeu do primeiro século perguntaria, “mas o corpo permaneceu no túmulo?”. Para um judeu do primeiro século foram os restos da pessoa na tumba que ressuscitaram para a nova vida. A crença judaica para a vida após a morte era uma crença na ressurreição física do corpo ou do que sobrou dele, principalmente os ossos. Esta é a razão pela qual os judeus preservavam os ossos dos mortos em ossuários para a ressurreição no fim do mundo. Então, temos boas razões para acreditar na existência do túmulo vazio, e nenhum judeu do primeiro século poderia ter pensado de outra forma. Mas, certamente, dizer apenas que Jesus apareceu após sua morte não significa que esta aparição foi física.

Mas observem que Paulo distinguiu entre as aparições do Jesus ressurreto e as simples visões de Jesus. E eu desafiaria Dr. Ehrman a dar qualquer explicação sobre a diferença entre uma visão de Jesus, como aquela que Estevão teve (Atos 7:56), e uma aparição genuína do Jesus ressurreto, outra além do fato de que umas eram *extra-mentais* no mundo externo (aparições físicas) enquanto as outras (as visões) eram puramente *intra-mentais*.

Então, pelo que pude ver, Dr. Ehrman não foi capaz de invalidar nenhum dos argumentos que eu apresentei para os quatro fatos. Eles estão todos estabelecidos pelos mesmos critérios que Dr. Ehrman usa em seus próprios trabalhos: múltipla atestação por fontes independentes, fontes próximas à ocorrência dos eventos, e o critério de dissimilaridade ou, melhor, constrangimento.

Agora, e sobre o segundo ponto, de que a ressurreição de Jesus é a melhor explicação aos fatos? Ele não respondeu aos meus argumentos além de dizer que não existem evidências matemáticas para o que Deus faz no mundo. E, claro, este não foi meu ponto. Meu ponto foi que ele não pode dizer que a ressurreição é improvável simplesmente porque milagres são eventos improváveis em relação ao conhecimento que temos do mundo. Você precisa olhar a todo o escopo do cálculo de probabilidade, ele falhou nisto. Em particular, sua visão é autocontraditória porque, como ele disse, historiadores não podem fazer asserções sobre Deus, e se este é o caso, então ele não pode dizer que a ressurreição é improvável porque a ressurreição é a hipótese de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos.

Agora ele parece sugerir que um historiador não pode fazer este tipo de inferência uma vez que de alguma forma Deus é inacessível. Bem, eu tenho alguns pontos que eu gostaria de mencionar aqui. Primeiro, você não precisa ter acesso direto às entidades explicativas em suas hipóteses. Pense nos físicos contemporâneos, por exemplo. Os físicos

contemporâneos fazem uso de uma série de realidades para as quais os cientistas não têm acesso direto: cordas, objetos em outras dimensões além das três que conhecemos, e até universos paralelos que não estão relacionados com o nosso. Mas eles postulam tais entidades como melhor explicação a partir das evidências que temos atualmente.

Segundo, observe que o historiador não tem acesso direto a *nenhum* dos objetos de seu estudo. Como Dr. Ehrman disse, o passado já passou. Não está mais aqui. Tudo o que temos é resíduo do passado, e o historiador infere a existência de entidades e eventos no passado com base nas evidências que ele tem. E é exatamente este o movimento que eu estou fazendo com respeito à ressurreição de Jesus.

Mas, finalmente, número três, este não é um debate sobre o que os historiadores profissionais podem fazer. Este seria um debate sobre metodologias, sobre as regras de conduta do profissional. O debate desta noite é sobre se existem ou não evidências históricas para a ressurreição. E mesmo se o historiador for proibido profissionalmente por algumas imposições metodológicas de inferir a ressurreição de Jesus, vocês e eu não somos. Nós não somos impedidos e, eu diria, nem mesmo o historiador o é fora de sua profissão. Seria uma tragédia e uma vergonha se nós perdêssemos a verdade sobre o passado de Jesus simplesmente em razão de algumas imposições metodológicas.

Finalmente, em relação às menções a “Apolônio de Tiana” e “Honi, o desenhista de círculos”, permitam-me simplesmente citar Robert Yarbrough, que assinala que estas figuras não possuem nenhum tipo de evidência anterior ao primeiro século, o tempo de Jesus¹². “Apolônio de Tiana” é uma figura do terceiro século que não é citada nem momento algum antes do terceiro século. Da mesma forma acontece com “Hanina bem Dosa” e “Honi, o desenhista de círculos”: John Meier e Ben Witherington mostraram que estas figuras possuem pouca relevância para com a situação de Jesus no primeiro século¹³. Então, estas figuras apontadas, penso, são comparações simplesmente inválidas.

Eu gostaria de responder às três questões que ele fez a mim, mas meu tempo acabou. Então, talvez elas apareçam novamente na sessão de perguntas e respostas e então eu as respondo.

¹² Robert W. Yarbrough, “The Power and Pathos of Professor Ehrman’s New Testament Introduction”, *Perspectives in Religious Studies* 27 (2004): 364.

¹³ John P. Meier, *A Marginal Jew*, Vol. 2 (New York: Doubleday, 1994), pp. 518-8; Ben Witherington III, *The Jesus Quest* (Downers Grove, III.: InterVarsity, 1995), pp. 108-12.

Dr. Ehrman – Segunda Refutação

Eu acho que estou mais impressionado pela recusa de Bill em lidar com a alternativa histórica do que eu estou em relação a sua reivindicação de que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos. Bill entende que a idéia de Deus ressuscitando é completamente racional, que faz sentido. A razão disto é porque ele acredita em Deus, então, claro, Deus pode agir no mundo. Por que não? Deus faz coisas todo o tempo, e não há nada absolutamente nada impossível em Deus ressuscitar Jesus dos mortos.

Bem, isto pressupõe a crença em Deus. Historiadores não podem pressupor crenças em Deus. Historiadores só podem trabalhar com o que nós temos entre nós. Historiadores podem ter qualquer religião, podem ser budistas, podem ser hindus, podem ser muçulmanos, podem ser cristãos, podem ser judeus, podem ser agnósticos, podem ser ateus, e a teoria por trás dos cânones da pesquisa histórica diz que pessoas que qualquer religião podem olhar para a evidência e chegar às mesmas conclusões. Mas a hipótese proposta por Bill requer uma crença pessoal em Deus. Não a questiono como maneira de pensar. Eu a questiono como uma maneira histórica de pensar, porque a hipótese proposta por Bill não é histórica, é teológica.

Bill afirma que a melhor explicação para seus quatro fatos é que um milagre aconteceu. Hume, na verdade, não estava falando sobre o que eu estou falando. Hume estava falando sobre a possibilidade de milagres acontecerem. Eu não estou falando sobre a possibilidade de um milagre acontecer. Eu não aceito o argumento de Hume de que milagres não podem acontecer. Eu estou perguntando, supondo que milagres acontecem, os historiadores podem demonstrá-los? Não, eles não podem. Se Bill quiser mostrar seu cálculo matemático de possibilidades novamente, então eu sugiro que ele faça o mesmo em relação a outras opções históricas – por exemplo, aquela que eu propus de que dois membros da família de Jesus roubaram o corpo e que então eles foram mortos e lançados dentro de uma tumba comum. Isto provavelmente não aconteceu, mas é mais plausível do que a explicação de que Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos.

Deixe-me lhes dar outra explicação, uma que veio à minha mente ontem à noite enquanto estava sentando pensando sobre esta questão. Vocês sabem que nós temos de tradições cristãs sírias que dentre os irmãos de Jesus, que são mencionados no evangelho de Marcos, um deles se chamava Judas, que era particularmente próximo a Jesus e que um destes irmãos, Judas, também conhecido como Judas Thomas, era o irmão gêmeo de Jesus. Agora, eu não estou dizendo que isto está correto, mas é o que os cristãos sírios pensavam no segundo e terceiro séculos, que Jesus tinha um irmão gêmeo. Como ele poderia ter tido um irmão gêmeo? Bem, eu não sei como ele poderia ter tido um irmão gêmeo, mas era isto que os cristãos sírios diziam. Na verdade, nós temos histórias interessantes sobre Jesus e seu irmão gêmeo em um livro chamado “Atos de Tomás”, segundo o qual Jesus e seu irmão gêmeo eram gêmeos idênticos. Eles se assemelhavam em tudo e a todo o momento Jesus confundia as pessoas: quando eles viam apenas Thomas saindo da sala, lá estava ele novamente, e eles não entendiam. Bem, é seu irmão gêmeo aparecendo. Suponha que Jesus teve um irmão gêmeo – nada implausível! Pessoas têm gêmeos. Após a morte de Jesus, Judas Tomás e outras pessoas ligadas a Jesus se esconderam e ele escapou de Judá. Alguns anos depois um dos seguidores de Jesus viu Judas Tomás e eles pensaram que era Jesus.

Outros começaram a relatar o mesmo. Começa-se então a se espalhar a notícia de que Jesus não está mais morto. O corpo de Jesus na tumba após o tempo se decompôs perdendo a possibilidade de ser conhecido. A histórica de que Jesus ressuscitou dos mortos começa a ganhar a confiança entre as pessoas, e nas tradições orais mais relatos começavam a ser contados sobre o caso, incluindo versões de que eles encontraram uma tumba vazia. Esta é uma explicação alternativa. É altamente improvável. Eu não apostaria nela por um segundo, mas ela é mais provável do que a idéia de que Deus ressuscitou Jesus de dentre os mortos porque esta hipótese apela para o sobrenatural, e os historiadores não têm acesso a isto.

Bill não comentou sobre as inconsistências que eu levantei sobre nossos relatos. Ele simplesmente disse, “Bem, relatos primitivos são melhores que relatos posteriores”. Se isto é o que ele pensa, eu gostaria que ele fosse claro e me dissesse se ele pensa se os relatos posteriores são inconsistentes ou que existem erros neles – sim ou não? Bill admite que relatos não adulterados são mais prováveis de ser históricos. Se isto é o que lê pensa, eu gostaria que ele respondesse a minha questão, sim ou não. Isto significa que os relatos adulterados dos evangelhos não são históricos? Vejam, ele não pode manter seu argumento em ambos os caminhos. Ele não pode dizer que os relatos não adulterados como a descrição do sepultamento por Marcos são mais prováveis historicamente porque eles não são adulterados, e então dizer que o relato de João, que é adulterado, é também histórico. Se ambos os tipos de relatos - adulterados e não adulterados – são igualmente históricos, então não há importância alguma dizer que relatos não adulterados são mais prováveis de ser históricos.

Ele pergunta, porque as mulheres apareceriam na tumba? Eu expus meu argumento do porquê Marcos, ou alguém de sua comunidade, poderia ter inventado as mulheres na tumba. Sua resposta foi, “Bem, Maria Madalena foi uma seguidora de Jesus”. Bem, Maria Madalena é muito popular nos dias atuais, principalmente depois que todos leram *O Código Da Vinci*, e se você não o leu ainda, ele foi reimpresso na versão brochura recentemente. Sim, Maria Madalena era uma seguidora de Jesus, mas seu argumento foi de que ninguém inventaria as mulheres por que elas eram marginalizadas, porque os homens não davam muito valor às mulheres. Minha resposta é: esta é precisamente a razão pela qual Marcos inventaria a tradição, porque no evangelho de Marcos, são os marginalizados que entendem quem Jesus é, não os discípulos homens. Este é o motivo de você ter a história das mulheres descobrindo a tumba.

Bill afirma que nenhum judeu do primeiro século duvidaria de que o corpo sumiu da tumba se Jesus aparecesse. Minha única sugestão é que ele leia mais fontes judaicas do primeiro século, porque sua afirmação simplesmente não é verdadeira. Eu lhe indico uma: leia a segunda revelação do Apocalipse de Pedro, um livro que é completamente repleto com visões judaicas de mundo, no qual não há nenhuma dúvida de que o autor acreditava que o corpo de Jesus não se encontrava em apenas um lugar, mas que ele podia estar em três lugares ao mesmo tempo, e que o corpo físico não era o único corpo que Jesus tinha, mas que ele também tinha um corpo espiritual.

Bill, claro, não respondeu às minhas questões, e talvez na sessão de perguntas e respostas ele o faça. Se ele está reivindicando ser um historiador ao usar estas fontes como fontes históricas, eu quero saber, ele acha que podem existir erros nestas fontes? Se ele não acha que podem existir erros nelas, então eu gostaria de saber como ele

pode avaliá-las como fontes históricas como um historiador crítico. Ele afirma que “Honi, o desenhista de círculos”, “Hanina ben Dosa” e “Apolônio de Tiana”, a propósito, eram pessoas do terceiro século; eles não eram pessoas do terceiro século, eles eram pessoas que viveram nos dias de Jesus.

Meu último ponto é muito simples. Mesmo que nós queiramos acreditar na ressurreição de Jesus, esta crença seria uma crença teológica. Você não pode provar a ressurreição. Este evento não é suscetível à evidência histórica; é fé. Os crentes acreditam na ressurreição e o fazem pela fé; história não pode prová-la.

Dr. Craig – Conclusão

Em meu discurso de abertura eu comentei que existem duas maneiras de saber sobre a ressurreição de Jesus: a histórica e a experimental. Nesta noite nós nos detemos quanto à histórica. Eu argumentei, primeiro, que existem quatro fatos históricos que precisam ser explicados por alguma hipótese histórica e que, segundo, a melhor explicação para estes fatos é que Jesus ressuscitou de dentre os mortos.

Agora, eu não acho que vimos qualquer destes quatro fatos serem refutados nesta noite. A maioria dos estudiosos concorda com os argumentos que eu dei para o sepultamento de Jesus por José de Arimatéia, para o fato de a tumba ter sido encontrada vazia, para as aparições de Jesus a vários indivíduos e grupos de pessoas, e para a origem da fé dos discípulos na ressurreição de Jesus. Dr. Ehrman baseou seu argumento nas inconsistências presentes nas narrativas; como eu mostrei, estas inconsistências se encontram em detalhes periféricos, não em relação ao coração das narrativas e que nós temos relatos extraordinariamente harmoniosos para estes quatro fatos fundamentais. Seu único ponto que permaneceu no seu último discurso foi a respeito do caso das mulheres à tumba, e novamente eu simplesmente sugiro que, como discípulas de Jesus, que eram fiéis a Jesus e envolvidas com sua obra e seguidoras dele, elas não representavam pessoas marginalizadas. E, além disto, este fato é multiplamente atestado. Esta não é uma característica de Marcos; lembrem-se: nós temos fontes múltiplas e independentes no papel das mulheres no descobrimento da tumba de Jesus.

E sobre o segundo ponto, e crucial, sobre a ressurreição de Jesus ser a melhor explicação para os fatos? Eu mostrei como o argumento baseado na probabilidade que ele deu por várias vezes em seus livros é falacioso. E ele diz, “Bem, Hume não está falando sobre meu argumento; ele está falando sobre a impossibilidade de milagres”. Isto é simplesmente um engano. O argumento de Hume é contra a *identificação* de milagres baseado em sua improbabilidade. E isto não responde ao meu ponto fundamental de que ele não pode dizer que a ressurreição de Jesus é improvável porque ele diz que historiadores não podem fazer julgamentos sobre este tipo de acontecimento. E mesmo que este evento fosse improvável, ele precisa considerar todas as outras evidências que contrabalançariam esta improbabilidade.

Agora, ele diz, “Bem, olhe para estas outras hipóteses. Talvez, por exemplo, familiares de Jesus roubaram seu corpo. Isto não é mais provável?”. Eu não acho. Observe que não há nenhum motivo neste caso para se roubar o corpo; os familiares de Jesus não acreditavam nele durante sua vida. Ninguém mais além de José e seus servos e as discípulas de Jesus sabiam onde o corpo havia sido sepultado. O tempo foi insuficiente – entre a noite de sexta e a manhã de domingo – para que tal conspiração fosse planejada e executada. Também, as roupas encontradas na sepultura desaprovam a hipótese do saque na tumba; ninguém iria despir o corpo antes de levá-lo.

Conspirações como estas sempre vêm à tona; os soldados romanos que guardavam a tumba ficariam felizes em informar aos líderes judeus o que aconteceu. E esta hipótese não explica as aparências de Jesus nem a origem da fé cristã na ressurreição de Jesus. Então, por todas estas razões, esta é uma hipótese improvável.

Em contraste, eu não acho que ele mostra nenhuma improbabilidade ao dizer que Deus ressuscitou Jesus de dentre os mortos. Tudo o que ele diz é que esta hipótese apela a Deus e que historiadores não podem inferir Deus. Mas lembrem, eu dei três respostas a esta questão. Primeiro, como na física, você não tem acesso direto às entidades explanatórias a fim de inferi-las. Segundo, todo o projeto do historiador é lidar com o passado inacessível, onde você tem que inferir acontecimentos baseando-se na evidência presente, mesmo que você não tenha acesso direto. E terceiro, este não é um debate sobre o que os historiadores podem fazer profissionalmente e sim um debate sobre se existem evidências históricas para a ressurreição de Jesus e as conclusões que nós podemos traçar. E mesmo que um historiador não possa fazer esta conclusão em uma publicação histórica ou uma sala de aula, ele pode aceitar esta conclusão enquanto ele volta para casa com sua esposa. E nós podemos aceitar esta conclusão se nós acharmos que as evidências são melhor explicadas desta forma, também. Em resumo, eu não acho que exista qualquer boa razão para pensar que as evidências históricas para a ressurreição de Jesus não sejam mais bem explicadas pela ressurreição.

Finalmente, eu quero concluir agora dizendo que existe outra forma de saber sobre a ressurreição: o experimento. Veja, se Jesus realmente ressuscitou de dentre os mortos como as evidências apontam, então isto significa que Jesus não foi somente uma figura antiga da história ou uma imagem desenhada nos vidros de uma catedral. Isto significa que ele está vivo hoje e que ele pode ser conhecido pela experiência. A mim, o cristianismo deixou de ser apenas uma religião ou um código de vida quando eu entreguei minha vida a Cristo e experimentei um renascimento espiritual em minha própria vida. Deus se tornou uma realidade viva em mim. A luz entrou onde antes só havia escuridão, e Deus se tornou uma realidade que eu posso experimentar, juntamente com a grande alegria, paz e sentido que Ele concedeu à minha vida. E eu diria apenas que se você está procurando por este tipo de sentido e propósito à sua vida, então não olhe apenas para as evidências históricas, mas também pegue o Novo Testamento e comece a lê-lo e perguntar a si mesmo se o que está escrito ali pode ou não ser verdadeiro. Eu acredito que isto pode mudar sua vida da mesma forma que a minha vida foi mudada.

Dr. Ehrman – Conclusão

Bem, eu aprecio muito seu testemunho pessoal, Bill. Contudo eu penso que o que nós vimos é o que Bill realmente é, no fundo, um evangelista que deseja que as pessoas compartilhem de sua crença em Jesus e que ele está tentando se passar por um historiador. Eu aprecio isto, mas não se trata de um historiador profissional poder ou não argumentar alguma coisa, se trata sobre a história poder ser usada para demonstrar afirmações sobre Deus. Eu tenho, na verdade, discutido sobre os quatro fatos aos quais Bill continuamente se refere. Sobre o sepultamento por José de Arimatéia eu argumentei que poderia ter sido uma invenção posterior. A tumba vazia também poderia ser uma invenção posterior. Nós não temos uma referência a estes fatos em Paulo; você só tem estas referências posteriormente nos evangelhos. As aparições de Jesus podem ter sido visões de Jesus porque pessoas tinham e tem visões todo o tempo.

E um dos primeiros pontos levantados por Bill é de que os discípulos estavam dispostos a morrer por sua fé. Eu não ouvi nenhum tipo de evidência para isto. Eu ouço esta afirmação com frequência, mas lendo todas as fontes cristãs do primeiro aos quinto século da cristandade, eu gostaria que ele nos dissesse qual evidência ele tem de que os discípulos morreram por sua crença na ressurreição.

Prosseguindo em sua análise sobre porque minha explicação alternativa não funciona, ele diz que a possibilidade dos familiares de Jesus terem roubado seu corpo é mais implausível do que a possibilidade de Deus ter ressuscitado Jesus de dentre os mortos. Por que? Eles não tinham motivo para isso. Bem, a verdade é que as pessoas agem por uma série de motivos, e motivos são coisas das mais difíceis de se estabelecer. Historicamente, talvez sua família quisesse que ele fosse sepultado em uma tumba da própria família. Ninguém sabia onde ele havia sido sepultado, ele diz. Bem, isto não é verdade; a verdade é que os evangelhos dizem que as mulheres observaram o sepultamento de longe, junto com a mãe de Jesus. Não havia tempo suficiente para isto acontecer. Aconteceu à noite. De quanto tempo alguém precisa? Isto não explica as roupas na caverna. Bem, as roupas na tumba provavelmente são um acréscimo posterior, uma lenda. Isto não explica as aparências de Jesus. Sim, pessoas têm visões o tempo todo. Uma vez que as pessoas começaram a acreditar que a tumba de Jesus estava vazia, eles começaram a pensar que ele ressuscitou dos mortos, e eles tiveram visões. Não estou dizendo que penso que isto aconteceu. Eu acho que é plausível. Isto poderia ter acontecido. É mais plausível do que afirmar que Deus deve ter ressuscitado Jesus de dentre os mortos. A ressurreição não é a explicação histórica mais provável. Notem que Bill teve mais cinco minutos para responder às minhas questões, e ele se recusou a fazê-lo; alguém poderia perguntá-lo por quê.

Vou concluir dizendo a vocês o que eu realmente penso sobre a ressurreição de Jesus. A única coisa que nós sabemos sobre os cristãos após a morte de Jesus é que eles analisaram suas escrituras no intuito achar algum sentido aos eventos que haviam ocorrido. Eles acreditavam que Jesus era o Messias, mas então ele morre crucificado, então ele não poderia ser o Messias. Nenhum judeu, antes do cristianismo, pensava que o Messias seria crucificado. O Messias era para ser um grande guerreiro, um grande rei ou um grande juiz. Ele deveria ser uma figura de grandeza e poder, não alguém que fosse esmagado por seus inimigos como um mosquito. Como poderia Jesus, o Messias,

ser morto como um criminoso comum? Os cristãos se voltaram às suas escrituras e tentaram entendê-las, e eles encontraram passagens que faziam referências à sofrida morte do Justo de Deus. Mas nestas passagens, como Isaías 53 e Salmos 22 e 63, aquele que é punido ou morto é também exaltado por Deus. Os cristãos acreditaram que Jesus era o Justo e que Deus deve ter o exaltado. E então os cristãos começaram a pensar que Jesus era aquele que, mesmo sendo crucificado, foi exaltado nos céus, como Elias e Enoque nas escrituras hebraicas. Como Jesus pode ser o Messias se ele foi exaltado aos céus? Bem, Jesus deve voltar em breve para estabelecer seu reino. Ele não era um Messias terreno; ele é um Messias espiritual. Esta é a razão pela qual os primeiros cristãos pensavam que o fim estava chegando em breve. Este é o motivo pelo qual Paulo ensinou que Cristo foi o primeiro fruto da ressurreição. Mas se Cristo foi exaltado, ele não está mais morto, e então entre os cristãos começaram a circular histórias sobre sua ressurreição. Isto não foi três dias depois dos eventos; talvez um, dois anos. Cinco anos depois eles não sabiam mais quando as histórias começaram. Ninguém podia mais ir à tumba para conferir a veracidade das histórias; o corpo estava decomposto. Crentes que sabiam que ele ressuscitou de dentre os mortos começaram a ter visões dele. Outros contaram histórias sobre estas visões, como Paulo. Histórias destas visões circularam. Alguns tiveram visões como a que Paulo teve, outros contaram histórias sobre visões de Jesus como um a um grupo de 500 pessoas que o viram de uma só vez. Com base nestas histórias, narrativas foram construídas e espalhadas e finalmente tivemos os evangelhos do Novo Testamento, que foram escritos, 30, 40, 50, 60 anos depois.

Sessão de Perguntas e Respostas

Questão para o Dr. Ehrman: Minha questão é para o Dr. Ehrman. Muito obrigado pela sua apresentação. Um dos comentários feitos por você é que historiadores não podem pressupor a crença em Deus. Eu sou um historiador e, na verdade, eu estou fazendo minha dissertação de Ph.D. atualmente sobre historiografia, e eu concordo com você que não se pode pressupor a crença em Deus. Mas você não pode também pressupor a crença no passado, o período, ou que nós podemos até mesmo conhecê-lo parcialmente. Nós temos de ser capazes de respaldar esta crença. Assim, os historiadores não podem ter nenhuma pressuposição; eles devem ser capazes de respaldar quaisquer crenças metafísicas que eles vão jogar sobre a mesa. Assim, se você vai acreditar em Deus, como o Dr. Craig, você tem que justificar isto. Mas eu não acho que o mesmo esteja fora do escopo do estudo histórico, uma vez que historiadores têm de percorrer outras disciplinas frequentemente. Eu gostaria de saber como você lida com isto.

Resposta do Dr. Ehrman: Bem, obrigado pela questão! Eu não acredito que História seja uma disciplina objetiva para começarmos. Soa de sua questão que você concorda com o ponto que foi levantado, mas nós precisamos conversar mais sobre seu uso da teoria pós-moderna. A minha visão é que os historiadores não devem respaldar nenhuma pressuposição que ele ou ela tenha. Mas meu ponto é que para um historiador fazer seu trabalho, deve existir certos pressupostos compartilhados em comum, mas estes pressupostos devem poder ser observados. Deus não pode ser observado. Assim nós podemos muito bem discordar sobre eventos históricos importantes. Existem pessoas em nosso mundo que, por exemplo, negam o holocausto, que dizem que o holocausto nunca aconteceu. Bem, como alguém pode demonstrar que o holocausto aconteceu? Bem, este alguém reúne relatos de testemunhas oculares, fotografias e vídeos e ainda adiciona as citações de historiadores que concordam que o material colhido é válido, e então este alguém tenta elaborar sua argumentação. Mas as informações recolhidas devem ser de tal forma que historiadores de todos os tipos concordam que elas sejam válidas, o mesmo em relação às testemunhas oculares. E apelar para o sobrenatural não é aceitável na comunidade histórica como sendo um critério válido para se avaliar um evento passado. A razão disto, em parte, é porque alguém pode vir com qualquer explicação teológica alternativa para o caso. Vejo que passei do meu tempo, mas eu ia lhes dar uma explicação teológica alternativa à hipótese da ressurreição, mas farei isto depois.

Resposta do Dr. Craig: A visão do Dr. Ehrman parece ser que, para fazermos história, devemos pressupor um tipo de ateísmo metodológico. E a mim isto parece não apenas falso, mas, como eu já disse, literalmente autocontraditório. Porque se é verdade que o historiador não pode fazer nenhum julgamento sobre Deus, então ele não pode fazer o julgamento de que é improvável que Deus tenha ressuscitado Jesus de dentre os mortos. E, sendo assim, ele não pode fazer nenhuma avaliação probabilística sobre a ressurreição baseado no corpo de informações que temos. Este valor probabilístico seria inescrutável. E se é inescrutável, então ele não pode fazer julgamentos sobre as fantasiosas explicações naturalistas alternativas que ele nos deu. Assim me parece que o historiador deve estar aberto, pelo menos metodologicamente. Ele não pode ser um ateu metodológico. E em todo caso, digo novamente, este não é um debate sobre o que os

historiadores podem fazer. Eu, como filósofo, penso poder inferir esta conclusão com base na evidência histórica, e não há nada ilegítimo ou ilícito ao se fazer isto.

Questão para o Dr. Craig: Dr. Craig, nós temos [má recepção do microfone], que são: você acredita que existem alguns problemas, enganos ou erros nos documentos do Novo Testamento? E segunda, ele está sugerindo que, como você disse que é uma fonte confiável por não possui adulterações, Mateus não seria assim uma fonte confiável por ter sido adulterada. Então você precisa responder a isto.

Resposta do Dr. Craig: OK, Dr. Ehrman está tentando pregar uma pequena trapaça de debatedor aqui em mim, na qual eu simplesmente me recuso a participar. O critério desta questão é: se um relato é simples, não contém adulterações teológicas, etc. então ele possui mais probabilidade e credibilidade de ser histórico. E eu penso que isto é verdadeiro. Mas este debate não é sobre a inerrância bíblica. Então minha atitude sobre a questão de existir ou não erros ou enganos na Bíblia é irrelevante. Esta seria uma convicção teológica. Historicamente, eu estou usando os mesmos critérios que ele usa, e eu estou completamente aberto à sua demonstração de que existem erros e enganos nas narrativas. Esta não é a questão do debate nesta noite.

A inerrância da Bíblia é uma grande questão na fé pessoal do Dr. Ehrman que o levou a abandonar sua fé cristã. Mas eu não estou pressupondo nenhum tipo de doutrina teológica sobre a inerrância bíblica ou de sua inspiração – nem estão todos os estudiosos que pensam que estes quatro fatos são estabelecidos por critérios de autenticidade que ele mesmo defende. Então minha atitude teológica acerca de eu pensar que existem ou não erros na Bíblia é irrelevante nesta noite. A questão é, o que você pode provar positivamente usando os critérios padrões? E meu argumento é que quando você usa estes critérios, você pode provar positivamente estes quatro fatos básicos subsequentes à crucificação de Jesus.

Resposta do Dr. Ehrman: Então aparentemente tudo bem em se ter pressupostos teológicos sobre a ressurreição, mas não está OK ter pressupostos teológicos sobre as fontes históricas sobre as quais a crença na ressurreição está baseada. Se a crença na ressurreição é baseada em certas fontes que estão na Bíblia e se estas fontes, em sua própria natureza, devem ser inerrantes, então naturalmente você concluiria que a ressurreição aconteceu. Mas Bill se recusa a nos dizer se ele acha que a Bíblia contém erros ou não. Ele não nos dirá isso porque ele ensina em uma instituição na qual o colegiado concorda que a Bíblia é inerrante sem nenhum tipo de erro em suas palavras. Então ele não pode acreditar que existam quaisquer erros na Bíblia. Se ele acha que a Bíblia contém erros, então eu gostaria que eles nos falasse dois ou três deles. Se ele não acha que a Bíblia contém erros, eu gostaria de saber com ele pode dizer que está usando os evangelhos do Novo Testamento como fontes históricas. Ele não pode avaliar criticamente estas fontes, e uma coisa que os historiadores devem fazer é ser capazes de avaliar criticamente as fontes sobre as quais suas afirmações estão baseadas.

Questão para Dr. Ehrman: Obrigado Dr. Ehrman, Você acha que a Teologia é de algum modo uma fonte válida de conhecimento ou você acredita no naturalismo filosófico? [Má recepção do microfone]

Resposta do Dr. Ehrman: Eu acho que os métodos teológicos de conhecimento são perfeitamente aceitáveis e legítimos com métodos teológicos de conhecimento. Mas eu acho que as afirmações teológicas devem ser avaliadas em bases teológicas. Por exemplo, a idéia que estes quatro fatos que Bill continua a se referir mostram que Deus ressuscitou Jesus de dentre os mortos. Você pode surgir com uma visão teológica diferente desta proposta por Bill. Suponha, por exemplo, para explicar estes quatro fatos, que o deus Zulu enviou Jesus para 12ª dimensão, e nesta 12ª dimensão ele era permitido retornar periodicamente à Terra para um breve descanso de seus sofrimentos eternos. Mas ele não pode falar aos seus discípulos sobre isto porque Zulu o disse que, se o fizesse, ele iria acrescentar mais dor à suas agonias eternas. Então, esta é outra explicação teológica para o que aconteceu. Ela explicaria a tumba vazia e explicaria as aparências de Jesus. Ela não é tão provável quanto deus ter ressuscitado Jesus dos mortos e tê-lo feito sentar ao seu lado direito; que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó interferiu na história e exaltou seu nome ao ressuscitar seu Messias? Bem, você pode pensar que não, que na verdade a primeira explicação do deus Zulu é louca. Bem, sim, OK, é louca; mas é teologicamente louca. Não é historicamente louca. Ela não é menos provável como explicação para o que aconteceu do que a explicação de que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó ressuscitou Jesus dos mortos porque ambas as explicações são teológicas; elas não são explicações históricas. Então, na esfera da Teologia, eu certamente penso que a Teologia é um método legítimo de pensamento. Mas os critérios para avaliação teológica são teológicos; eles não são históricos.

Resposta do Dr. Craig: Hipóteses teológicas como esta certamente podem ser avaliadas pelos critérios que eu usei para avaliar a ressurreição de Jesus. Em particular, uma hipótese como a que foi sugerida, eu penso, possui um *ad hoc* gigantesco e altamente implausível, considerando que o contexto religioso-histórico no qual a ressurreição de Jesus supostamente ocorreu, eu acho extremamente plausível pensar que na exaltação do Deus de Israel à afirmação radical de Jesus de Nazaré como sendo o Filho de Deus e a revelação de Deus à humanidade. Quando você observa o contexto, eu acho que ele provê a chave ou uma pista para a interpretação adequada do milagre. Então eu acho que devemos avaliar as reivindicações teológicas filosoficamente e também de acordo com os mesmos critérios que eu propus que usássemos ao avaliar as explicações para os quatro fatos.

Questão para o Dr. Craig: Estou muito interessado no cálculo de probabilidade que você mostrou. Para dizer que foi provável que Jesus ressuscitou você precisa colocar números naquela equação e chegar a uma resposta maior do que 0,5. Eu estou interessado em qual é o resultado deste cálculo e qual é a margem de erro dele. E como estes números foram determinados?

Resposta do Dr. Craig: Obrigado pela questão! Richard Swinburne, que é um estudioso na Universidade de Oxford, escreveu um livro sobre a encarnação e a ressurreição no qual ele faz uso do cálculo de probabilidade que eu demonstrei. Sua estimativa é de que a probabilidade da ressurreição de Jesus é de 0,97, e você pode ler neste livro a razão deste resultado. Eu particularmente não uso o cálculo da probabilidade para argumentar sobre a ressurreição de Jesus. A razão de eu o trazer aqui foi para prover uma resposta para os argumentos do Dr. Ehrman ofereceria com base no argumento de Hume contra a verificação de milagres, que eu penso ser completamente errado porque ele tenta

dizer que a ressurreição é improvável simplesmente por causa da improbabilidade da ressurreição sobre o corpo de informações que temos à parte das evidências para a ressurreição de Jesus, apenas. Na verdade, eu penso que esta probabilidade é inescrutável, uma vez que estamos lidando com um agente livre. Eu não vejo como poderíamos inferir ou assegurar um número específico para as variáveis do cálculo. Então a maneira na qual eu argumento sobre a ressurreição não é usando o cálculo de probabilidades. E sim usando aquilo que chamamos de “inferência à melhor explicação”, que é a maneira pela qual os historiadores normalmente trabalham. Isto quer dizer, você avalia hipóteses históricas concorrentes sob os mesmos critérios como: poder explanatório, escopo explicativo, plausibilidade, menor quantidade de *ad hoc*, concordância com as crenças já aceitas, etc. E eu estou preparado para argumentar que quando você coloca a hipótese da ressurreição ao lado das alternativas naturalistas, você verá que a hipótese da ressurreição vence com sobras suas teorias rivais naturalistas – a não ser que você pressuponha algum tipo de ateísmo metodológico para travar a hipótese da ressurreição. Eu acho que é exatamente isto o que o Dr. Ehrman faz. Da mesma que eu acredito em Deus e, portanto, acho que a existência de Deus é bem plausível, como alguém que não acredita, ele acha que a possibilidade da ressurreição é absurdamente improvável. Mas ele não nos deu nenhuma boa razão para pensarmos que a existência de Deus é improvável ou que é improvável que Deus ressuscitou Jesus de dentre os mortos. Na verdade, ele não pode fornecer uma avaliação de probabilidade, uma vez que ele mesmo comentou sobre os limites de um historiador.

Resposta do Dr. Ehman: Desculpe. Eu não acredito que estamos tendo uma conversa séria sobre a probabilidade estatística da ressurreição ou a probabilidade estatística da existência de Deus. Eu acho que em qualquer universidade do país, se nós estivéssemos perante um grupo de acadêmicos, nós seríamos expulsos do palco...

Dr. Craig: Isto não é verdade.

Dr. Ehrman: Bem, talvez não seja verdade na escola onde você ensina, mas na instituição de pesquisa onde eu ensino...

Dr. Craig: Bem, o que você me diz sobre a Universidade de Oxford, onde o *Professor Swinburne* ensina?

Dr. Ehrman: Bem, Swinburne mostrou que a probabilidade é de 0,97. E quantas pessoas se convenceram disto exatamente? Estes argumentos são aqueles que só convencem quem quer ser convencido. Eles não são argumentos sérios para ser considerados pelas pessoas, então eles podem dizer, “Ah sim, agora eu vou acreditar porque existe uma probabilidade de 0,97”. Isto não faz sentido; você não pode demonstrar a existência do sobrenatural por cálculos estatísticos.

Questão para o Dr. Ehrman: O que eu quero perguntar é, os relatos de ocorrências de milagres através do tempo tornam a probabilidade maior que os historiadores pensam?

Resposta do Dr. Ehrman: Boa pergunta. A questão é: o relato da ocorrência de milagres através do tempo aumenta a probabilidade? Eu diria que a resposta é provavelmente “não” porque em todas as instâncias você precisa avaliar se o evento é provável ou não e um milagre nunca seria um evento provável. Então, se alguém pensa que

sim, que um milagre é um evento provável, o que eu gostaria que Bill fizesse é nos dizer por que ele não acha que Maomé realizou milagres uma vez que certamente temos relatos disto. Por que ele não acha que Apolônio de Tiana realizou milagres? Ele citou Larry Yarbrough, que, na verdade, provavelmente nunca leu sobre a vida de Apolônio. Eu sei disso porque eu tive uma conversa com Larry Yarbrough sobre isto. Ele nunca leu os textos. Eu não sei se Bill leu os textos. Eles são muito interessantes; são textos gregos e estão amplamente disponíveis. Eles nos dizem que Apolônio de Tiana realizou muitos milagres semelhantes aos que Jesus realizou; ele podia expulsar demônios, curar doenças, ressuscitar os mortos, e no final de sua vida ele subiu aos céus. E Apolônio de Tiana foi apenas um dentre uma centena de pessoas do mundo antigo sobre as quais estes fatos foram atribuídos. Então, se permitirmos a possibilidade de Jesus, o que faremos quanto à possibilidade de Apolônio? Ou Honi, o desenhista de círculos, ou Hanina ben Dosa ou o imperador Vespasiano? Você pode acrescentar quantos nomes você quiser. Agora, a razão de nós não sabermos muito sobre estas pessoas é porque, claro, o único milagreiro Filho de Deus que conhecemos é Jesus. Mas, na verdade, no mundo antigo existiam centenas de pessoas como Jesus, com centenas de histórias contadas sobre eles. Nós não os contamos porque eles não estão em nossa tradição. Esta é a razão do porque minha explicação alternativa de Zulu soou implausível a Bill: em sua tradição é o Deus de Jesus, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó que deve estar envolvido no mundo. E, claro, pessoas de outras religiões dizem que são outros deuses que estão envolvidos. Então, está não é apenas uma questão sobre se Deus está envolvido. Qual Deus está envolvido? E como eu frisei anteriormente, será apenas uma coincidência acontecer de Deus ser o Deus que Bill pôde mostrar historicamente sua existência e também o Deus para o qual ele se converteu quando tinha 16 anos de idade.

Resposta do Dr. Craig: A razão de nós não acreditarmos em muitos outros milagres não é porque não estamos abertos a eles. Pelo contrário, estou completamente aberto à idéia de que Deus realizou milagres aparte de Jesus. Mas, por exemplo, em relação a Maomé, com todo respeito, não há nenhuma evidência de que eles aconteceram. Não há nenhuma afirmação do Corão de que Maomé realizou milagres. A primeira biografia que temos de Maomé é datada de no mínimo 150 anos após sua morte, e eu não estou certo se até mesmo lá existem afirmações sobre milagres. Em relação a Apolônio de Tiana, as afirmações de milagres são mitos e lendas que não possuem qualquer valor histórico. Trata-se de invenções pós-cristãs, onde Apolônio é uma figura que deliberadamente foi construída para competir com os cristãos primitivos. Então, a razão de alguém não acreditar em milagres nestes casos é porque não existe nenhuma boa evidência que os sustentem. Mas, em contraste, a maioria dos estudiosos do Novo Testamento, como Bart Ehrman sabe, acredita que Jesus de Nazaré executou um ministério de obras milagrosas e exorcismos. Você pode acreditar que os relatos de milagres contém acréscimos, mas não há dúvida hoje de que Jesus de Nazaré foi aquilo que ele pensou que era, um realizador de milagres.

Questão para o Dr. Craig: Dr. Craig, um dos pontos levantados por você mais cedo acerca das probabilidades foi que devemos comparar as probabilidades da ressurreição com as probabilidades das outras explicações. E o Prof. Ehrman tem esta história de que ele não acredita e insinuou que não acha que elas aconteceram. Assim eu gostaria apenas de ler alguns versículos do evangelho de Lucas e lhe dar a chance de

comentar sobre estes versículos e dizer, baseado no que o Prof. Ehrman disse, se é a sua visão ou a dele que faz mais sentido à luz destes versículos. Então, a passagem está em Lucas 24 e é quando Jesus apareceu aos dois homens no caminho de Emaús e eles não o reconheceram. Ele está conversando com eles e eles não o reconheceram. E eles falaram sobre todas as coisas que aconteceram, que eles estavam confusos e que não sabiam o que estava acontecendo. *Então Jesus disse a eles, “Como vocês costumam a entender e como demoram a crer em tudo o que os profetas falaram! Não devia o Cristo sofrer estas coisas, para entrar na sua glória?” E começando por Moisés e todos os profetas, explicou-lhes a respeito dele em todas as escrituras. Ao se aproximarem do povoado para o qual estavam indo, Jesus fez como quem ia mais adiante. Mas eles insistiram muito com ele: “Fique conosco, pois a noite já vem; o dia está quase findando”. Então ele entrou para ficar com eles. Quando estava à mesa com eles, tomou o pão, deu graças, partiu-o e o deu a eles. Então os olhos deles foram abertos e eles o reconheceram, e ele desapareceu da vista deles. Perguntaram-se um ao outro: “Não estava queimando o nosso coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as Escrituras?”.*

Interrupção do Dr. Craig: E qual é sua questão sobre esta passagem? Não estou certo qual é sua questão.

Continuação da questão ao Dr. Craig: A questão é: você sabe que o Prof. Ehrman argumentou que estes documentos antigos não são unicamente para o propósito de estabelecer evidências históricas para os eventos, mas que eles podem ser usados mais retoricamente. Assim, a questão é, poderiam estes versículos ser uma pintura da origem da fé cristã, uma vez que, como Dr. Ehrman argumentou, os primeiros seguidores de Jesus abriram as escrituras e encontraram referências para o servo sofredor que é exaltado por Deus? Porque se você observar estes versículos, eles não dizem que seus corações queimaram porque eles tocaram sua carne, ouviram sua voz e que isto significava que Deus havia realizado um milagre, que então eles tinham a evidência e que falariam dela para todos. Eles dizem que seus corações queimaram quando eles abriram as escrituras.

Resposta do Dr. Craig: Eu acho que esta é uma maneira plausível de ler esta passagem, esta que você sugeriu. Mas, claro, isto não está no coração do minha argumentação esta noite. Eu não estou construindo a defesa que eu apresentei hoje com base em passagens com esta. Eu construí minha argumentação sobre quatro fatos fundamentais que são, penso, atestados por testemunhos múltiplos e independentes, por critérios de embaraçamento, nos quais a maioria dos estudiosos no assunto concordaria. Sendo assim, eu não estou supondo nada do que eu disse esta noite na historicidade da aparição de Jesus no caminho de Emaús ou na interpretação que você proveu a esta passagem. Isto simplesmente não faz parte da minha defesa.

Agora, no geral, entretanto, permita-me dizer, com respeito à sua idéia dos discípulos indo à escritura e encontrando Jesus lá, eu acho que toda argumentação que eu expus sobre os quatro fatos é que invalida esta idéia. Nós temos boas fontes independentes que atestam que Jesus foi sepultado por um membro do Sinédrio judaico em uma tumba, que esta tumba foi encontrada vazia no Domingo pela manhã após a crucificação, que vários indivíduos e grupos de pessoas experimentaram aparições de Jesus, e que eles começaram a acreditar que ele havia ressuscitado de dentre os mortos. E estas passagens que estão no Antigo Testamento são tão obscuras e difíceis de encontrar que é

altamente improvável que elas sejam a fonte para a crença na ressurreição, como o Dr. Ehrman imagina. Em vez disso, elas só podem ter sido descobertas *a posteriori*. Uma vez que você acredita na ressurreição de Jesus, então você vai à escritura procurar textos que comprovem e validam-na. Mas a hipótese contrária é a velha visão de Bultmann de que de alguma forma ao ler as escrituras, os seguidores de Jesus começaram a acreditar na ressurreição. Mas o problema com esta hipótese é que as passagens no Antigo Testamento são muito obscuras e ambíguas para que eles criassem a idéia da ressurreição com base nelas. Judeus seguidores de um Messias como Jesus, confrontados com sua crucificação, ou teriam voltado para suas casas ou teriam conseguido um novo Messias, mas eles não começariam a acreditar que ele ressuscitou de dentre os mortos.

Resposta do Dr. Ehrman: Bill continua falando sobre nossas boas fontes primitivas e continua negligenciando que estas boas fontes foram escritas 40, 50, 60 anos após os eventos e que isto implica que os autores destes relatos conseguiram suas informações da tradição oral que estava em circulação ano após ano após ano, quando histórias foram inventadas e histórias foram alteradas. E, assim, eu não acho que nós devamos sustentar nossas conclusões nestes quatro fatos. A idéia de que estas passagens eram muito obscuras a ponto de que ninguém pudesse se basear nelas – estas passagens estão em Isaías e nos Salmos. Não são passagens escondidas em algum lugar da carta de Malaquias. Estas passagens eram textos centrais na vida e na religião judaica, e os discípulos de Jesus demonstraram que eles foram às escrituras para entender o que os eventos significavam. Isto também, a propósito, é encontrado nas boas fontes primitivas, que os discípulos de Jesus fizeram exatamente isto. Então eu acho que esta é uma explicação completamente plausível para como os discípulos vieram a crer na ressurreição.

Questão para o Dr. Ehrman: Estou feliz pela oportunidade. Eu acho que perdemos boas oportunidades para aplaudir! Dr. Ehrman, os historiadores podem verificar um milagre se tivéssemos testemunhas oculares de que um milagre aconteceu? Levando em conta seu método histórico, algum milagre já aconteceu e, se sim, quais? Se não, isto significa que você sempre se recusará a acreditar em milagres?

Resposta do Dr. Ehrman: Boa questão, obrigado! Vejamos, “mesmo se você tiver testemunhas oculares”. Suponha que nos anos 1850, nós temos um relato de um pastor de uma igreja do Kansas que andou sobre um lago durante as festas de Julho e que tinham 12 pessoas que o viram fazer isto. O historiador terá de avaliar este relato e perguntar, isto provavelmente aconteceu ou não? Agora, estas testemunhas oculares disseram que isto aconteceu. Mas existem outras possibilidades que qualquer um pode imaginar. Poderia haver pedras no lago, por exemplo. Ele poderia estar distante o suficiente para que eles não o vissem. Existem outras possibilidades que você poderia pensar. Se você está tentando estabelecer o que aconteceu pela probabilidade, qual é a probabilidade de um ser humano poder andar sobre um lago a não ser que ele esteja congelado? A probabilidade é virtualmente zero porque, na verdade, o ser humano não pode fazer isso. E se você acha que os seres humanos podem fazer isto, então me apresente uma instância onde eu possa conferir. Nenhum de nós pode andar sobre um lago. Ninguém em nosso planeta pode. Bilhões de pessoas que já viveram não puderam. Então, sendo assim, o historiador vai concluir que provavelmente Joe Smith, o pastor desta igreja, provavelmente andou sobre o lago? Eu acho que não. Historiadores não vão concluir que ele andou sobre o lago porque um milagre simplesmente é uma violação da maneira pela qual a natureza naturalmente

trabalha. Assim, você nunca poderá verificar um milagre com base em testemunhos oculares. Segundo, além disso, nós aqui não estamos falando sobre alguém que viveu nos anos 1850. Estamos falando sobre alguém que viveu há 2000 anos, e nós absolutamente não temos relatos de testemunhas oculares. Os relatos que temos são de pessoas que acreditavam nele. Não se trata de relatos desinteressados. São narrativas contraditórias e narrativas que foram escritas 30, 50, 60 anos depois dos eventos.

Resposta do Dr. Craig: Eu concordo que a ressurreição de Jesus é naturalmente impossível. Mas está não é a questão. A questão é, é improvável que Deus tenha ressuscitado Jesus de dentre os mortos? E o Dr. Ehrman não pode fazer este julgamento porque ele afirma que os historiadores não podem fazer declarações sobre Deus. Sendo assim, ele está preso em uma autocontradição esta noite. Por um lado, ele diz que o historiador não pode dizer nada sobre Deus, por outro, ele diz que é improvável que Deus tenha ressuscitado Jesus de dentre os mortos; e isto é simplesmente uma autocontradição.

Um dos embaraços do argumento de Hume era que ele sustentava que uma pessoa que vivesse nos trópicos jamais poderia aceitar testemunhos de viajantes de que a água poderia existir na forma sólida, como gelo. Assim este homem, baseado no argumento de Hume, seria conduzido a negar fatos perfeitamente naturais dos quais nós temos evidências em abundância apenas porque estes fatos contradizem o que ele conhecia. E exatamente da mesma forma, este argumento que ele nos deu seria um impedimento à ciência. Se você diz que nós jamais teremos testemunhos suficientes – evidência suficiente – para acreditar em alguma coisa que contradiz o caminho normal da natureza trabalhar.

Questão para o Dr. Craig: Obrigado! Nós estamos falando aqui sobre evidências independentes e imparciais. Então eu estava pensando se vocês dois podem apresentar evidências que sustentam seus pontos de vista fora da literatura canônica cristã.

Resposta do Dr. Craig: O fato é que nós não estamos trabalhando com fontes desinteressadas. Mas, veja, esta é uma característica de toda história antiga. As pessoas do mundo antigo não escreviam relatos desinteressados; todos tinham um ponto de vista. Assim, os historiadores devem levar isto em consideração ao investigar a história. O mesmo fazem os estudiosos a respeito dos evangelhos. Eles perguntam, qual é a credibilidade destes eventos dado que as narrativas vêm de cristãos? E uma maneira de rodear este problema é através de múltiplos e independentes depoimentos, porque se uma tradição ou um evento é independente e multiplamente atestado por fontes antigas, então é muito improvável que esta tradição tenha sido inventada porque, do contrário, você não a teria atestada por fontes independentes. E, assim, os estudiosos costumam aceitar um evento que é atestado por, digamos, duas ou três fontes independentes. Mas no caso da tumba vazia e do sepultamento, nós temos cinco ou seis fontes independentes. Então, aparte de uma predisposição contra os milagres, não há nenhuma boa razão para negar que o coração histórico destas narrativas, especialmente quando se observa que nós não estamos falando sobre fontes 30, 40, 60 anos posteriores aos eventos. Estamos falando de tradições nas quais estes relatos são baseados, tradições que se encontram em algum lugar entre cinco a sete anos após a crucificação. Comparadas com as fontes da histórica greco-romana, os evangelhos ganham com sobra, pois os relatos com os quais os historiadores greco-romanos têm de trabalhar geralmente são datados de centenas de anos após os eventos, geralmente

envolvendo poucas testemunhas oculares e geralmente narradas por alguém completamente tendencioso aos fatos. E ainda assim os historiadores do período greco-romano reconstruem o curso da história do mundo antigo. E como eu disse, N. T. Wright disse que a tumba vazia e as aparições de Jesus são tão certas como a morte de Augusto César em 14 d.C. e a queda de Jerusalém em 70 d.C.. E mesmo que você pense que isto é um exagero, eu acho que estes fatos são mais bem atestados do que vários outros eventos na história antiga que nós comumente aceitamos como fatos históricos.

Resposta do Dr. Ehrman: Então, você está pedindo fontes não canônicas. Eu acho que a única razão de Bill não ter te respondido é porque as fontes não-canônicas não sustentam a posição dele. As fontes não-canônicas pagãs, na verdade, nunca se referiram à ressurreição de Jesus até alguns séculos depois da crucificação. Na verdade, Jesus não aparece em nenhuma fonte não-canônica pagã até 80 anos depois de sua morte. Então, ele claramente não teve um grande impacto no mundo pagão. O historiador romano Josefo menciona Jesus, mas não acreditava em sua ressurreição. Existem fontes não-canônicas que falam sobre a ressurreição, mas infelizmente todas elas, embora sejam evangelhos não-canônicos, narram o evento de um jeito que discorda da reconstrução de Bill. Eles não acreditam que Jesus ressuscitou fisicamente de dentre os mortos. Para prova disto, apenas leia o relato do Segundo Tratado do Grande Seth ou o Apocalipse de Pedro. Nós temos um relato no qual Jesus sai da tumba, o evangelho segundo Pedro; é um relato apocalíptico. Jesus sai de sua tumba tão alto como um arranha-céu; segundo este relato, existe uma cruz que fala dos céus, certamente um relato lendário de pouco uso aos historiadores que querem saber o que aconteceu.

Moderador: Agora, podemos aplaudir!

Fechamento: Chegou a hora de terminarmos o debate desta noite, e eu gostaria de novamente agradecer aos patrocinadores – o Center for Religion, Ethics, and Culture e o Campus Christian Fellowship – a nosso moderador, William Shea. Vocês foram uma platéia brilhante com ótimas questões, e nós agradecemos por estarem aqui. Temos uma mesa lá atrás com alguns livros de ambos os debatedores disponíveis junto com outros livros. Finalmente, eu gostaria de agradecer novamente aos estudiosos William Lane Craig e Bart D. Ehrman, por compartilharem seu tempo e seu talento conosco.

**A TRANSCRIÇÃO DO DEBATE ORIGINAL PODE SER ENCONTRADO EM:
<[HTTP://WWW.REASONABLEFAITH.ORG](http://www.reasonablefaith.org)>**